

Revista Adventista

Ano 77 · Nº 834 · €1,90

Novembro 2016

A História de Gabrielle

*Uma devota filha de
Deus apanhada no meio
de tempos terríveis*



06

O CONSOLADOR (PARTE I)

É o Espírito Santo uma
Pessoa divina?



26

5 MINUTOS DECISIVOS

O fim pode estar mais perto
do que imagina!



28

SERVIÇO

Descubra a quarta
dimensão na educação
Adventista.

Se nos **humilhássemos** perante Deus, e fôssemos **bondosos**
e **corteses e compassivos e piedosos**, haveria uma
centena de conversões à verdade onde agora há apenas uma.

ELLEN G. WHITE, *BENEFICÊNCIA SOCIAL*, CPB, [S. D.], P. 86.



**CHAMADOS
PARA SERVIR**

"De graça recebestes, de graça dai."
Mateus 10:8.

"EIS QUE CEDO VENHO"

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

DIRETOR

António Rodrigues

Chefe de Redação

Paulo Sérgio Macedo

Coordenador Editorial

Paulo Lima

Colaboradores de Redação

Manuel Ferro e Lara Figueiredo

Projeto Gráfico e Diagramação

Sara Calado

Fotografias Ilustrativas

© Shutterstock
E-mail revista.adventista@pservir.pt

PROPRIETÁRIA E EDITORA

Publicadora SerVir, S. A.

Diretor Carlos Simões Mateus

Sede e Administração

Rua da Serra, nº 1 – Sabugo 2715-398 Almargem do Bispo Tel: 21 962 62 00 Fax: 21 962 62 01

Controlo de Assinantes

Paulo Santos
E-mail: assinaturas@pservir.pt Tel: 21 962 62 19

Impressão e Acabamento Jorge Fernandes, Lda.
Charneca da Caparica

Tiragem 1500 exemplares

Depósito Legal Nº 1834/83

Preço Número Avulso €1,90

Assinatura Anual €19,00

Isento de inscrição no E. R. C. – DR 8/99 artº 12º Nº 1a
ISSN 1646-1886

Ilustração da Capa © Shutterstock

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.



A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora SerVir, S. A..



REFLEXÃO

17

Marx, Darwin, Nietzsche e 1844

Conheça as "coincidências" em torno da data de 1844.



BÍBLIA

22

Introdução ao livro de Job

A par com o livro de Génesis, o livro de Job é o mais antigo livro da Bíblia.



DEVOCIONAL

26

5 minutos decisivos

Conforme o fim se aproxima, os eventos que antecedem o regresso de Cristo podem intensificar-se em progressão geométrica.

04 NO MUNDO TEREIS AFLIÇÕES

EDITORIAL

05 MEMO / BANCO DE LEITURA

18 NOTÍCIAS NACIONAIS

20 NOTÍCIAS INTERNACIONAIS

06 O CONSOLADOR (PARTE I) > TEOLOGIA

Neste artigo apresentaremos a doutrina cristã ortodoxa sobre o Espírito Santo, que é também expressa pela quinta Crença Fundamental da nossa Igreja.

12 A HISTÓRIA DE GABRIELLE > ARTIGO DE FUNDO

A história de uma devota filha de Deus apanhada no meio de tempos terríveis.

28 SERVIÇO > EDUCAÇÃO

"A verdadeira educação prepara o estudante para a alegria do serviço neste mundo e para a alegria ainda maior do serviço mais amplo no mundo vindouro."





No mundo tereis aflições

“**Ó** vós, todos os que tendes sede, vinde às águas, e os que não tendes dinheiro, vinde, comprai e comei; sim, vinde e comprai, sem dinheiro e sem preço, vinho e leite. Porque gastais o dinheiro naquilo que não é pão? E o produto do vosso trabalho naquilo que não pode satisfazer? Ouvi-me atentamente, e comei o que é bom, e a vossa alma se deleite com a gordura” (Isaías 55:1 e 2).

Existem muitas pessoas que arriscam a vida por qualquer coisa. Lutam pelos seus ideais até ao limite. Investem dinheiro, tempo, família, carreiras profissionais, tudo o que seja necessário, apenas para alcançarem os seus objetivos. Durante o seu percurso de vida enfrentam grandes adversidades, amadas por uns e odiadas por outros. Umhas são conhecidas como sendo heróis, outras passam despercebidas neste mundo, mas muitas foram e são resilientes e empreendedoras. Tudo isto por amor a coisas materiais e temporárias, isto é, por amor ao que a Bíblia chama “coroa corruptível”. No entanto, existe uma outra coroa, a incorruptível. “E todo aquele que luta, exerce domínio próprio em

todas as coisas; ora, eles o fazem para alcançar uma coroa corruptível, nós, porém, uma incorruptível” (I Coríntios 9:25).

Quando alguém se torna Cristão deve compreender que, para alcançar a coroa incorruptível, a sua vida não será fácil. Jesus disse: “Tenho-vos dito isto, para que em mim tenhais paz; no mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo” (João 16:33). Cristo alertou os Seus discípulos para uma outra luta, não carnal, mas espiritual. Aceitar Jesus Cristo como Salvador pessoal é entrar num conflito. Não nos esqueçamos de que, para estarmos nas mãos de Jesus, abandonámos Satanás. Diferentes obstáculos serão erguidos pelo inimigo para destruir a nossa fé e levar-nos a abandonar o nosso Salvador: perseguições, aparecimento de falsas doutrinas, conflitos familiares, problemas de relacionamentos e outros mais. O próprio Jesus experimentou tentações, dificuldades e sofrimentos até à Sua morte na cruz. No entanto, Ele pôde dizer: “Eu venci o mundo” (João 16:33). Assim, o Mestre pede a cada Cristão um envolvimento total e absoluto. Que cada um de nós possa di-

zer, como o Apóstolo Paulo: “Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a pela fé do Filho de Deus, o qual me amou, e se entregou a si mesmo por mim” (Gálatas 2:20).

Enfrentamos dias que exigem muita coragem para vivermos uma vida semelhante à de Cristo. Apesar das muitas dificuldades que o Cristão tem de enfrentar, nunca estivemos tão perto do regresso de Jesus. Deveríamos viver este derradeiro tempo de combate e de tribulações como um verdadeiro tempo de esperança. Quando nos assumimos como Cristãos, devemos experimentar uma grande alegria, porque o mundo corre para alcançar uma coroa corruptível, enquanto nós corremos para alcançar uma coroa incorruptível, isto é, a vida eterna. O que faz a diferença é lutar ao lado de Deus e não contra Deus. “Por isso sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por amor de Cristo. Porque quando estou fraco então sou forte” (II Coríntios 12:10). ✦

• **Pr. António Rodrigues,**
presidente da UPASD

MEMO

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

novembro

05-12	Semana de Oração e Sacrifício
06 e 07	Conselho Nacional JA
13 e 14	Conselho de Fim de Ano
20-22	Convenção Pastoral
26	ROIG Alentejo e Algarve
27	ROIG Lisboa

dezembro

03	ROIG Centro
03	Dia do Voluntário Adventista
03	Dia da Mordomia
04	ROIG Norte
10	Dia da Saúde
27-29	Convenção Nacional de Colportores

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

novembro

07-11	União Portuguesa (PU)
14-18	União Franco-Belga (FBU)
21-25	União Búlgara (BU)
28/11- -02/12	União Italiana (IU)

dezembro

05-09	União do Norte da Alemanha (NGU)
12-16	Associação Baden-Wuerttemberg (SGU)
19-23	Associação Eslovaca (CSU)
26-30	Conferência Norte do Reno-Westfalia (NGU)

ANTENA 1  RTP2

FÉ DOS HOMENS

RTP2, a partir das 15h30 // ANTENA 1, a partir das 22h47

09/10	Quarta-feira
21/10	Segunda-feira
19/12	Segunda-feira
22/12	Quinta-feira

CAMINHOS

RTP2, às 11h // ANTENA 1, a partir das 06h

04/12	Domingo
-------	---------

Estes horários de emissão podem ser alterados pela RTP2 sem aviso prévio.



BANCO DE LEITURA

Mensageira do Senhor

Herbert E. Douglass

Ellen G. White é, sem dúvida alguma, a mais influente voz entre os Adventistas do Sétimo Dia. A nossa Igreja não seria o que é hoje, se não fosse o ministério de setenta anos daquela que se auto-designou como sendo a Mensageira do Senhor. Assim, faz todo o sentido que qualquer Adventista do Sétimo Dia convicto da sua fé queira saber mais sobre a vida e a obra de Ellen White.



O livro de Herbert E. Douglass que lhe apresento aqui, caro Leitor, foi escrito com o propósito de fornecer aos Adventistas do Sétimo Dia uma nova perspetiva sobre a vida e o testemunho de Ellen White. De facto, nesta obra, Herbert Douglass apresenta as razões que confirmam Ellen White como sendo verdadeiramente a Mensageira do Senhor, fornecendo provas capazes de satisfazer a mente

mais inquisidora. No prefácio à sua obra, Douglass escreveu: “Este livro ajudará a responder às seguintes perguntas: Preencheu Ellen White as qualificações bíblicas de um profeta? Sob que base pode alguém considerá-la uma autoridade no seu papel como mensageira de Deus? Ao recapitular o seu ministério ativo de setenta anos, que diferença fez o seu conselho na determinação do rumo e desenvolvimento da Igreja? Qual o efeito dos seus conselhos pessoais? Manifestou ela as características de coerência e de confiabilidade e, por conseguinte, a prova da autoridade?” (p. XIV). Para dar resposta a todas estas questões, o livro *Mensageira do Senhor* está dividido em oito secções: (I) O Sistema Divino de Comunicação; (II) A Verdadeira Ellen White; (III) A Mensageira que Escuta; (IV) A Voz de um Movimento; (V) Promotora de Conceitos Inspirados; (VI) Como Escutar a Mensageira; (VII) Como Avaliar a Crítica; e (VIII) Relevância Permanente da Mensageira do Senhor. Não podemos deixar de destacar os capítulos 41, 42 e 43 desta obra. Neles, Douglass responde poderosamente às críticas que têm sido avançadas contra os escritos e o ministério de Ellen White por parte de ex-Adventistas ou de Evangélicos apostados em “provar” que ela é uma “falsa profetisa”. As respostas de Douglass são incisivas, defendendo com brio a verdade sobre a Mensageira do Senhor. Assim, recomendo-lhe vivamente este livro encadernado de 587 páginas. Ele vale cada cêntimo do seu preço. ✍

Paulo Lima

Editor da Revista Adventista



PARTE I

O Consolador

A PERSONALIDADE DO ESPÍRITO SANTO

A controversia trinitária que ocorreu na Igreja Cristã durante o quarto século não se limitou à discussão sobre a natureza divina de Jesus Cristo, o Filho de Deus. Ela incluiu também uma séria controversia sobre a personalidade do Espírito Santo. O Cre-

do Niceno-Constantinopolitano aprovado no Concílio de Constantinopla, que se realizou em 381 d.C., veio reafirmar a natureza divina e pessoal do Espírito Santo, considerando-O como a Terceira Pessoa da Trindade, em igualdade substancial com Deus, Pai, e Deus, Filho. Esta tese sobre o Espírito

Santo tem sido, desde então, mantida e defendida pela esmagadora maioria dos teólogos das diversas denominações cristãs. No entanto, contra ela se têm levantado alguns Cristãos. Assim, os Cristãos Arianos e Unitarianos defendem que o Espírito Santo é apenas um poder ou uma força ativa impessoal que

emana de Deus, não tendo personalidade própria. Há também um pequeno grupo de Cristãos saído da Igreja Adventista do Sétimo Dia que defende que o Espírito Santo não é uma Pessoa divina, mas é a essência e a personalidade partilhada do Pai e do Filho, ou, para alguns, simplesmente a personalidade de Jesus Cristo despida da Sua natureza humana. Note-se que a verdade de que o Espírito Santo ou o Espírito de Deus é uma entidade divina não é rejeitada por ninguém. Nem o poderia ser, pois o Seu próprio nome mostra que Ele é divino. Afinal, Ele é o Espírito *Santo* ou o Espírito *de Deus*. A tese rejeitada por alguns é que o Espírito Santo seja uma Pessoa divina distinta de Deus, Pai, e de Deus, Filho.

Nesta série de artigos apresentaremos a doutrina cristã ortodoxa sobre o Espírito Santo (que é também expressa pela quinta Crença Fundamental da nossa Igreja),¹ mostrando, primeiro, que o Espírito Santo é uma Pessoa divina (e não um poder ou uma força ativa) e, segundo, que o Espírito Santo é uma Pessoa divina distinta de Jesus Cristo. Para podermos proceder com rigor na nossa exposição sobre a personalidade divina do Espírito Santo, comecemos por definir o termo “pessoa”. No seu sentido clássico original, o termo “pessoa” (*persona*, em latim) designava a “máscara” usada pelos atores quando desempenhavam o seu papel no teatro antigo. Daí derivou o sentido de “pessoa” como sendo a personagem representada pelo ator mascarado. A filosofia e a teologia desenvolvidas pelos Cristãos apropriaram-se do termo “pessoa” e aprofundaram o seu sentido, definindo-o como “uma substância individual intelectual, dotada de razão, de vontade e de sentimento”.² Neste

EM I CORÍNTIOS 2:10-12 (ARC) O APÓSTOLO PAULO DEIXA CLARO QUE O ESPÍRITO SANTO NÃO SÓ É UMA ENTIDADE DISTINTA DE DEUS, PAI, COMO É DOTADO DE RAZÃO OU INTELIGÊNCIA.

sentido, são pessoas não apenas os seres humanos, mas também as entidades angélicas. Aliás, segundo esta definição, Deus, Pai, e Deus, Filho, são também Pessoas. Resta saber se as Escrituras Sagradas nos permitem afirmar que o Espírito Santo é também uma Pessoa. Ora, neste primeiro artigo vamos precisamente mostrar, segundo as Escrituras, que o Espírito Santo é uma Pessoa, na medida em que Ele possui os atributos que definem a personalidade. Vamos ainda mostrar, através da análise de alguns textos bíblicos, que Ele é suscetível de ser sujeito a práticas adversas que podem ser realizadas apenas contra um ser dotado de personalidade. Num próximo artigo iremos continuar a nossa argumentação bíblica a favor da personalidade do Espírito Santo e iremos também mostrar que Ele é uma Pessoa claramente distinta de Jesus Cristo, o Filho de Deus. Por agora, comecemos por considerar os atributos de personalidade conferidos pela Bíblia ao Espírito Santo.

Os atributos de personalidade do Espírito Santo

Segundo a definição que apresentámos, uma “pessoa” tem

como atributos de personalidade a razão, a vontade e o sentimento. Ora, a Bíblia mostra-nos claramente que o Espírito Santo possui todos estes atributos de personalidade.

O primeiro dos referidos atributos é a razão ou a inteligência. Em I Coríntios 2:10-12 (ARC) o apóstolo Paulo deixa claro que o Espírito Santo não só é uma entidade distinta de Deus, Pai, como é dotado de razão ou inteligência. De facto, o texto diz o seguinte: “Mas Deus no-las revelou pelo seu Espírito; porque o *Espírito penetra todas as coisas*, ainda as profundezas de Deus. Porque, qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o espírito do homem, que nele está? Assim, também *ninguém sabe as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus*. Mas nós não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que provém de Deus, para que pudéssemos conhecer o que nos é dado gratuitamente por Deus.” Antes de mais, temos que constatar que o Espírito de Deus não é simplesmente a parte intelectual de Deus (apesar da comparação analógica que Paulo faz com o “espírito do homem”), pois o apóstolo diz claramente que Ele é “o Espírito que *provém* de Deus”. Há, portanto, uma distinção ontológica (i. e., uma distinção de existência) entre o Espírito de Deus e Deus (Pai). Ora, é-nos dito que o Espírito de Deus “investiga”, “sonda”, “penetra” (*eraunâ*, em grego) as profundezas de Deus e que Ele “conhece” ou “sabe” (*egnôken*, em grego) as coisas de Deus. Tal atividade mostra que o Espírito de Deus possui razão ou inteligência, pois “investigar” e “conhecer” são atividades epistémicas próprias de uma entidade dotada de intelecto. De facto, a passagem de I Coríntios que citámos descreve

a ação de um Ente inteligente e ativo que tudo investiga e tudo conhece (i.e., que possui a onisciência), penetrando mesmo nas profundezas de Deus. Isto também sugere a existência de uma comunhão íntima e pessoal entre o Espírito de Deus e Deus, Pai. Portanto, fica claro que o Espírito Santo não é uma força impessoal proveniente de Deus ou apenas o intelecto ou a personalidade de Deus. Ele é uma Pessoa divina.³ Romanos 8:27 (ARA) também nos revela que o Espírito Santo possui razão ou inteligência. O texto afirma o seguinte: “E aquele que sonda os corações sabe qual é a mente do Espírito, porque segundo a vontade de Deus é que ele intercede pelos santos.” Note-se que o apóstolo Paulo faz aqui uma distinção entre o Espírito Santo, que “intercede pelos santos”, e Deus (Pai), que “sonda os corações e sabe qual é a mente do Espírito”. Estamos, assim, em presença de duas entidades diferentes: por um lado, Deus (Pai), por outro lado, o Espírito. Fica aqui claro, mais uma vez, que o Espírito não é simplesmente a mente de Deus. Na verdade, o Espírito tem uma mente própria. De facto, Paulo fala da “mente do Espírito” (*to phronêma tou pneumatos*). O termo grego *phronêma* significa “inteligência”, “faculdade de pensar”, “mente”. Assim, Romanos 8:27 atribui expressamente ao Espírito a posse de inteligência racional. Dado que este é um dos atributos essenciais da personalidade, isto significa que o Espírito Santo é uma Pessoa.⁴

O segundo atributo de personalidade – de acordo com a definição de “pessoa” que avançámos acima – é a vontade ou a intencionalidade. Ora, há vários textos do Novo Testamento que nos mostram que o Espírito San-

to é dotado deste atributo. O primeiro destes textos é I Coríntios 12:11 (ARC), que diz: “Mas um só e o mesmo Espírito opera todas estas coisas, repartindo particularmente, a cada um, *como quer*.” O que devemos reparar imediatamente neste texto é que se atribui ao Espírito a posse da faculdade volitiva, isto é, da vontade. De facto, na sua distribuição dos dons espirituais aos membros da Igreja, o Espírito age “como quer” (*kathôs bouletai*, em grego). Isto significa que Ele possui vontade (*boulê*). Nenhum predicado pode indicar mais enfaticamente a posse de personalidade. Note-se que esta vontade do Espírito, que se expressa na atribuição dos vários dons espirituais aos membros da Igreja, é dirigida pelo conhecimento que Ele tem das necessidades da Igreja. Portanto, I Coríntios 12:11 atribui ao Espírito Santo uma ação resultante de uma decisão volitiva dirigida por uma inteligência. Assim, este texto revela que o Espírito é uma Pessoa.⁵ Outro texto que mostra que o Espírito Santo possui a faculdade da vontade encontra-se em Atos 12:2 (ARC), onde Lucas escreveu: “E, servindo eles aos Senhor, e jejuando, *disse o Espí-*

rito Santo: Apartai-me Barnabé e Saulo para a obra a que os tenho chamado.” Esta passagem mostra que o Espírito Santo estava diretamente envolvido na administração da Igreja Cristã. Ele é apresentado aqui como uma Pessoa divina que toma uma decisão soberana sobre o trabalho a realizar por Barnabé e Saulo e que comunica oralmente essa decisão aos líderes da igreja de Antioquia (provavelmente através de um dos profetas locais – cf. Atos 13:1). Note-se que tal tomada de decisão implica a posse de vontade. Note-se ainda que o modo como o autor do livro de Atos relata a comunicação da vontade do Espírito à Igreja revela que o Espírito Santo é uma Pessoa. De facto, tudo isto está contido na frase “disse o Espírito Santo”.⁶ Mas, o livro de Atos tem mais a dizer acerca da personalidade do Espírito Santo, nomeadamente no que diz respeito à posse da faculdade da vontade. Vejamos o que nos diz Atos 15:28 (ARC): “Na verdade, *pareceu bem ao Espírito Santo*, e a nós, não vos impor mais encargo algum, senão estas coisas necessárias.” Este texto relata uma deliberação efetuada pelo Espírito Santo em comu-

**O ESPÍRITO SANTO É UMA PESSOA,
ISTO É, “UMA SUBSTÂNCIA
INDIVIDUAL INTELECTUAL,
DOTADA DE RAZÃO, DE VONTADE E
DE SENTIMENTO”.**

nhão com a liderança da Igreja Apostólica. Ora, só entidades dotadas de vontade e de razão são capazes de deliberar algo, pois deliberar implica ponderar racionalmente um problema e tomar uma decisão para o solucionar. Assim, sendo apresentado neste texto como uma entidade dotada de vontade e de razão, o Espírito Santo é caracterizado como sendo uma Pessoa.⁷ Finalmente, temos de considerar ainda um terceiro texto retirado do livro de Atos. Trata-se de Atos 16:6 e 7 (ARC), onde está escrito: “E, passando pela Frígia e pela província da Galácia, foram impedidos pelo Espírito Santo de anunciar a palavra na Ásia. E, quando chegaram a Mísia, intentavam ir para Bitínia, mas o Espírito de Jesus não lho permitiu.” É interessante o modo como o autor do livro de Atos dos Apóstolos atribui aqui ao Espírito Santo o poder de impedir e de permitir a ação dos apóstolos. Um ente que impede ou permite está, necessariamente, a decidir. Ora,

para se poder decidir é necessário possuir razão e vontade, e o ente que possui estes dois atributos é, por definição, uma pessoa. Assim, fica claro que o Espírito Santo é aqui caracterizado como sendo uma Pessoa divina. Como veremos num segundo artigo, o facto de o Espírito Santo ser aqui também chamado “Espírito de Jesus” significa apenas que Ele é enviado pelo Pai em nome do Filho (cf. João 14:26).⁸

O terceiro atributo de personalidade – segundo a nossa definição de “pessoa” – é a capacidade de ter sentimentos. Pois bem, temos um texto no Novo Testamento que revela claramente que o Espírito Santo é dotado deste atributo. Trata-se de Efésios 4:30 (ARC), que declara: “E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, no qual estais selados para o dia da redenção.” A palavra-chave a destacar aqui é “entristeçais” (no grego, *lupeite*). Trata-se da conjugação do verbo *lupeô*, que significa “afligir”, “entristecer”, e que está

relacionado com o substantivo *lupê*, que tem como significado “aflição”, “tristeza”. Paulo está, pois, a declarar que o Espírito Santo pode ser entristecido por atitudes indignas tomadas pelos cristãos efésios. Ora, só quem possui sentimentos pode ser assim entristecido. Portanto, Paulo está a atribuir a posse de sentimentos ao Espírito Santo. Dado que a posse de sentimentos é um dos atributos próprios de uma pessoa, é evidente que o apóstolo considerava o Espírito Santo como sendo uma Pessoa divina.⁹

Diante de todos os textos que citámos até aqui, podemos afirmar convictamente que o Espírito Santo é uma Pessoa, isto é, “uma substância individual intelectual, dotada de razão, de vontade e de sentimento”. Fica assim descartada a tese de que o Espírito Santo é uma força impessoal emanada de Deus. Mas podemos avançar mais dois textos que revelam claramente que o Espírito Santo é uma Pessoa divina.



Práticas realizadas contra a pessoa divina do Espírito Santo

A personalidade do Espírito Santo também se revela no modo como os seres humanos interagem com Ele. O Novo Testamento apresenta dois textos que descrevem dois modos peculiares de interação com o Espírito Santo que apenas são possíveis na medida em que Ele é, efetivamente, uma Pessoa divina. O primeiro destes textos encontra-se em Atos 5:3 e 4 (ARC). Nele lê-se o seguinte: “Disse, então, Pedro: Ananias, porque encheu Satanás o teu coração, *para que mentisses ao Espírito Santo*, e retiveses parte do preço da herdade? Guardando-a, não ficava para ti? E, vendida, não estava em teu poder? Porque formaste este desígnio em teu coração? *Não men-*

tiste aos homens, mas a Deus.” Pedro acusa Ananias de um pecado muito concreto. Não se trata apenas de hipocrisia, de fraude, de orgulho ou de cobiça. Ananias pecou ao mentir ao Espírito Santo. De facto, o apóstolo usa o verbo grego *pseudô* (“mentir”) para caracterizar o ato de Ananias. O Espírito Santo tinha sido enviado por Jesus para guiar os fiéis em toda a verdade (João 16:13), mas Ananias tentou, ainda que sem sucesso, enganar o Espírito. Ele tornou-se assim culpado de sacrilégio. Este texto de Atos dos Apóstolos⁵ tem duas lições para nós. Primeiro, ele ensina-nos que o Espírito Santo é uma Pessoa, pois apenas se pode mentir a um ente dotado de personalidade. Não se pode mentir a uma força ativa impessoal. De facto, mentir é comunicar uma infor-

mação deliberadamente errônea a alguém. Isto implica que o ente a quem se comunica a informação é um ente dotado de razão, porque sem razão não se pode comunicar ou receber qualquer informação. Assim, de acordo com a nossa definição de pessoa, devemos concluir que, segundo o apóstolo Pedro, o Espírito Santo é uma Pessoa. Mas o texto que estamos a analisar tem ainda outra importante lição a comunicar-nos. Note-se que o Espírito Santo é nele caracterizado como sendo Deus. De facto, Pedro afirma inicialmente que Ananias tinha mentido ao Espírito Santo (Atos 5:3) e, depois, conclui que, ao assim fazer, ele tinha mentido a Deus (Atos 5:4). Portanto, Pedro está a afirmar claramente que a pessoa do Espírito Santo é uma pessoa divina.¹⁰

SEGUNDO AS ESCRITURAS, O ESPÍRITO SANTO É UMA PESSOA, NA MEDIDA EM QUE ELE POSSUI OS ATRIBUTOS QUE DEFINEM A PERSONALIDADE.



Outro texto que nos permite concluir que o Espírito Santo é uma pessoa divina encontra-se em Mateus 12:31 e 32 (ARA). Ele diz o seguinte: “Por isso vos declaro: todo o pecado e blasfêmia serão perdoados aos homens; mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada. Se alguém proferir alguma palavra contra o Filho do Homem, ser-lhe-á isso perdoado; mas, se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será isso perdoado, nem neste mundo nem no porvir.” Jesus profere esta declaração porque alguns Fariseus tinham identificado o poder do Espírito Santo exercido por Jesus como sendo o poder de Satanás, sabendo muito bem que essa acusação era falsa. Assim, a sua deliberada rejeição da verdade estava a levá-los a blasfemar contra o Espírito. O termo “blasfêmia” (*blasphemia*,

em grego) significa “maldição”, “calúnia” ou “difamação” e, quando dirigida a Deus, é uma forma especialmente grave de pecado. Neste caso, a “blasfêmia” é um insulto dirigido contra o Espírito Santo. Ora, apenas um ser dotado de personalidade pode ser “caluniado” ou “difamado”. Uma força ativa não pode ser alvo de calúnia ou de difamação, isto é, de blasfêmia. Fica, assim, claro que o Espírito Santo é uma Pessoa. Além do mais, tudo indica que Jesus usa aqui o termo “blasfêmia” no sentido técnico que ele já então tinha de “ofensa contra Deus”. Veja-se, por exemplo, o sentido que a palavra grega *blasphemia* apresenta em Marcos 14:64, Lucas 5:21 e João 10:33. Nestes três textos a *blasphemia* é uma declaração ofensiva contra Deus. Ora, sendo assim, somos obrigados a concluir que o Espírito Santo é concebido por Jesus como sendo não apenas uma Pessoa, mas uma Pessoa divina. Pois se, segundo Jesus, o Espírito Santo pode ser alvo de “blasfêmia”, é porque Ele é Deus.¹¹

Conclusão

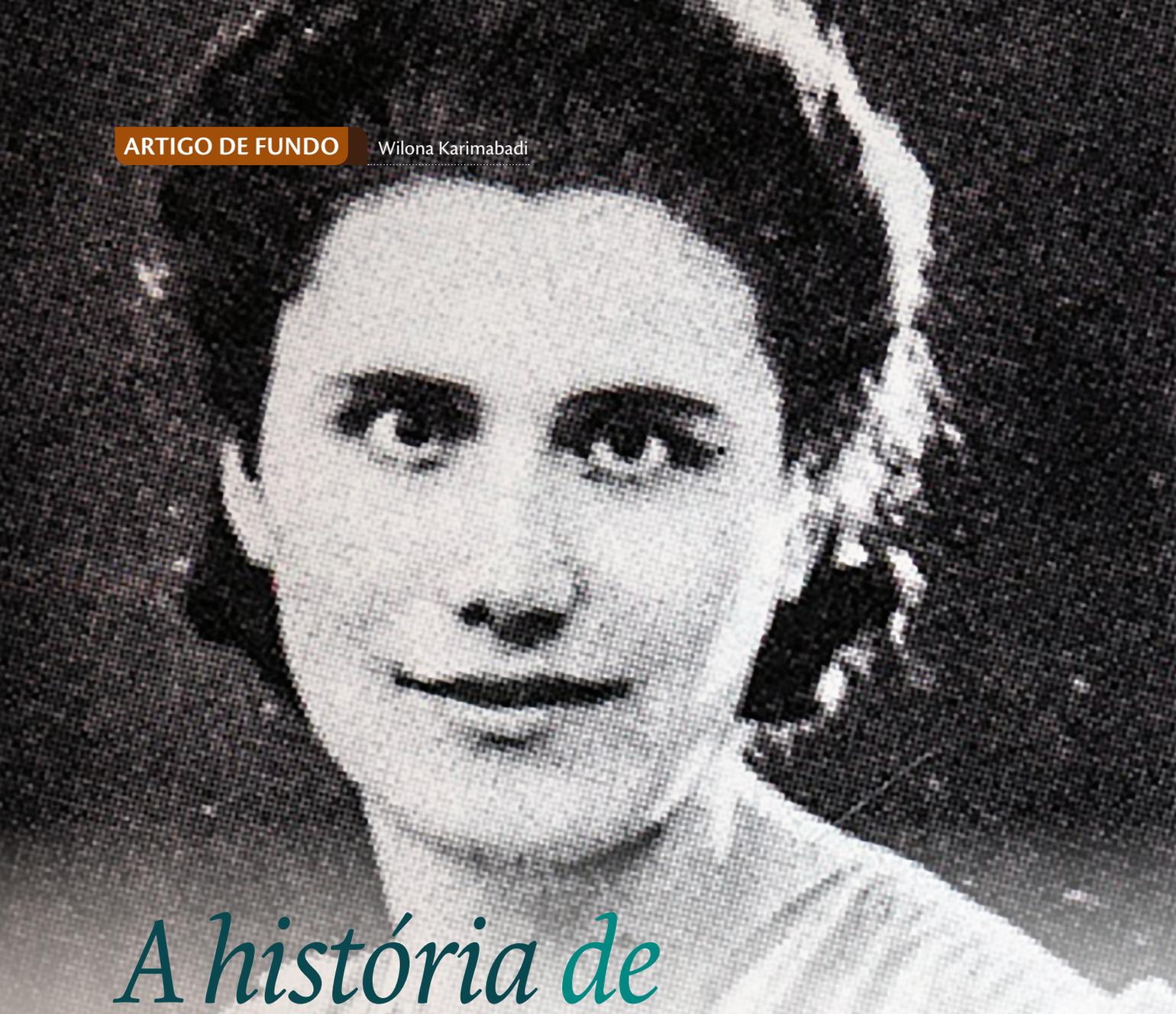
Neste artigo procurámos mostrar que, segundo as Escrituras, o Espírito Santo é uma Pessoa, na medida em que Ele possui os atributos que definem a personalidade. Mostrámos também que Ele é suscetível de ser sujeito a práticas adversas que podem ser realizadas apenas contra um ser dotado de personalidade. No próximo artigo continuaremos a nossa argumentação bíblica a favor da personalidade do Espírito Santo. Pretendemos também mostrar que Ele é uma Pessoa claramente distinta de Jesus Cristo, o Filho de Deus. Assim, vamos revelar a falta de fundamento bíblico da tese anti-trinitária que vê no Espírito Santo uma mera força ativa

que emana de Deus ou que o identifica erroneamente com a personalidade de Jesus Cristo despida da Sua natureza humana. Ao assim fazermos, estaremos a salvar a veracidade da quinta crença fundamental da Igreja Adventista do Sétimo Dia. ♣

• **Paulo Lima**

Editor da Revista Adventista

1. *Seventh-Day Adventists Believe... – A Biblical Exposition of 27 Fundamental Doctrines*, Washington, DC: Ministerial Association of the General Conference of Seventh-Day Adventists, 1988, p. 58. *Os Adventistas do Sétimo Dia Creem... – Uma Exposição Bíblica de 27 Doutrinas Fundamentais*, Sacavém: Publicadora Atlântico, 1989, p. 56.
2. José Ferrater Mora, *Dicionário de Filosofia*, [s.l.]: Circulo de Leitores, 1989, pp. 239-241.
3. Woodrow Whidden, Jerry Moon & John W. Reeve, *The Trinity*, Hagerstown, MD: Review and Herald, 2002, pp. 68-70. G. G. Findlay, *St. Paul's Epistle to the Corinthians (The Expositor's Greek Testament)*, Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans, 1951, vol. II, pp. 781 e 782. Francis D. Nichol (ed.), *The Seventh-Day Adventist Bible Commentary*, Hagerstown, MD: Review and Herald, 1980, vol. VI, p. 671. Robert Jamieson, A. R. Fausset & David Brown, *Commentary Critical and Explanatory on the Whole Bible*, Grand Rapids, Mich.: Zondervan, [s.d.], p. 266.
4. Francis D. Nichol (ed.), *The Seventh-Day Adventist Bible Commentary*, vol. VI, p. 573. Robert Jamieson, A. R. Fausset & David Brown, *Commentary Critical and Explanatory on the Whole Bible*, p. 242.
5. Woodrow Whidden, Jerry Moon & John W. Reeve, *The Trinity*, pp. 67 e 68. Francis D. Nichol (ed.), *The Seventh-Day Adventist Bible Commentary*, vol. VI, pp. 771 e 772. G. G. Findlay, *St. Paul's Epistle to the Corinthians*, p. 889.
6. Robert Jamieson, A. R. Fausset & David Brown, *Commentary Critical and Explanatory on the Whole Bible*, p. 190. R. J. Knowing, *The Acts of the Apostles (The Expositor's Greek Testament)*, vol. II, Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans, 1951, p. 283.
7. Francis D. Nichol (ed.), *The Seventh-Day Adventist Bible Commentary*, vol. VI, p. 314.
8. R. J. Knowing, *The Acts of the Apostles*, pp. 341 e 342. A. C. Hervey, *Acts of the Apostles (The Pulpit Commentary, vol. 42)*, London/New York: Funk & Wagnalls, [s.d.], vol. II, pp. 27 e 28.
9. Woodrow Whidden, Jerry Moon & John W. Reeve, *The Trinity*, p. 32. Francis D. Nichol (ed.), *The Seventh-Day Adventist Bible Commentary*, vol. VI, p. 1028. S. D. F. Salmond, *The Epistle to the Ephesians (The Expositor's Greek Testament)*, Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans, 1951, vol. III, p. 348.
10. Francis D. Nichol (ed.), *The Seventh-Day Adventist Bible Commentary*, vol. VI, p. 177. Robert Jamieson, A. R. Fausset & David Brown, *Commentary Critical and Explanatory on the Whole Bible*, p. 178. R. J. Knowing, *The Acts of the Apostles*, p. 142. A. C. Hervey, *Acts of the Apostles*, p. 157. Woodrow Whidden, Jerry Moon & John W. Reeve, *The Trinity*, p. 31.
11. Woodrow Whidden, Jerry Moon & John W. Reeve, *The Trinity*, p. 67. A. Lukyn Williams, *St. Matthew (The Pulpit Commentary, vol. 33)*, London/New York: Funk & Wagnalls, [s.d.], vol. I, p. 491. Robert Jamieson, A. R. Fausset & David Brown, *Commentary Critical and Explanatory on the Whole Bible*, p. 41. Francis D. Nichol (ed.), *The Seventh-Day Adventist Bible Commentary*, vol. VI, p. 395.



A história de

Uma **devota**
filha de Deus
apanhada no
meio de tempos
terríveis.

Gabrielle

“**E**la era uma pessoa muito calorosa”, recorda Colette Beach Witt, já com 80 anos. “Uma pessoa gentil com olhos bonitos, muito

doce e bastante alta. E tornou-se muito amiga da minha mãe”, acrescenta Colette. Juntamente com todas as outras jovens secretárias europeias que trabalhavam para a Igreja naquele escritório,

uma atração pelas coisas americanas e a oportunidade de praticar o inglês levou a jovem mulher a visitar regularmente o lar da família Beach, que ficava no andar superior. O rés-do-chão do edifício era

a sede da União Franco-Belga em Paris, onde o pai de Colette Beach Witt servia como Presidente nos anos anteriores à ocupação da França pelos Nazis.

A jovem gentil dos olhos bonitos tinha nome: Gabrielle Weidner. Ela trabalhava como secretária do Pastor Beach e, posteriormente, de outros líderes da União. Era uma obreira devota na Causa de Deus naquela parte do mundo. Bert Beach, antigo diretor do Departamento de Liberdade Religiosa na Conferência Geral, que era então um miúdo, também se lembra dela. “Ela era simplesmente uma mulher cristã verdadeiramente amigável e dedicada – muito apreciada pelos outros”, diz ele. Era também uma forte Cristã Adventista que procedia de uma família cuja vida estava enraizada na sua fé.

Gabrielle nasceu a 17 de agosto de 1914, em Bruxelas, na Bélgica, sendo a segunda criança nascida no seio de uma família que incluía ainda o seu irmão mais velho, Jean, e uma irmã mais nova, Annette. O pai dela era pastor e ensinava Grego e Latim na instituição que hoje é conhecida como a Faculdade Adventista de Teologia em Collonges-sous-Salève, França. Em Collonges os jovens Weidner passaram tempos felizes explorando as montanhas e os vales que ficavam ao redor do *Campus* da Faculdade. As crianças Weidner eram muito ativas, empregando os seus esforços – por mais limitados que fossem – para a obtenção dos meios financeiros necessários à sua educação em escolas Adventistas.

No fim da década de 1920 podia ganhar-se dinheiro vendendo selos provenientes de diversas partes do mundo. Quando era adolescente, Jean, o irmão de Gabrielle, escrevia a outros Adventistas de

várias partes do mundo, incluindo a Austrália, solicitando o envio de selos para o seu “negócio”. A revista Adventista da Austrália, o *Australasian Record*, publicava estes pedidos, bem como os relatórios sobre o desenvolvimento dessa atividade. O dinheiro que assim era ganho servia não só para pagar os custos das propinas escolares de Jean, mas também os de Gabrielle, a sua irmã mais nova; e o sucesso escolar desta era tão importante para ele como o seu próprio. “Tenho ficado muito tocado pela bondade para comigo e para com a minha irmã vinda de todas as partes do mundo e traduzida no envio dos selos e nas perguntas colocadas”, escreveu Jean numa carta publicada em 1928. “Tenho o prazer de comunicar que tanto a minha irmã como eu estamos a frequentar o Seminário. Os nossos pais ficaram muito satisfeitos com as nossas notas no final do semestre. As notas da Gabrielle foram esplêndidas, e eu tenho orgulho em ter uma irmã com apenas treze anos, a mais jovem entre 120 estudantes, que aprende tão bem as matérias escolares.”¹

O seu irmão Jean

A atitude carinhosa de Jean, exemplificada pelo amor que devotava à sua irmã, expandiu-se muito para além do círculo da família Weidner, tocando profundamente a vida de muitos durante os tempos perigosos em que ambos viveram. No início de 1940, a II Guerra Mundial trouxe consigo atrocidades horríveis por toda a Europa. E quando a guerra envolveu a França, a situação de Gabrielle e de Jean – cujos pais estavam já na Holanda – tornou-se cada vez mais difícil. Jean, que era então um jovem empresário motivado pela sua educação cristã e com um forte senso do que era jus-

to aos olhos de Deus, recusou-se a ser mero espectador.

Usando o seu amplo conhecimento da fronteira Franco-Suíça perto de Collonges-sous-Salève – adquirido durante os anos em que a sua família ali tinha vivido – Jean decidiu ajudar os Judeus e outras pessoas em perigo, auxiliando-os a chegarem à Suíça, um território neutro. Inicialmente o seu esforço era o resultado de uma missão individual, mas em breve amigos e familiares começaram a ajudá-lo. Esta atividade cresceu até se tornar numa rede clandestina composta por cerca de 300 pessoas, que ficou conhecida pelo nome de “Dutch-Paris”. Usando nomes falsos e documentos forjados fornecidos por amigos em lugares de chefia, Jean foi capaz de salvar muitos Judeus e aviadores aliados abatidos, levando-os primeiro da Holanda para a Bélgica, depois para a França e, finalmente, para a cidade Suíça de Genebra ou para Andorra.³ Passado algum tempo, esta atividade colocou o nome de Jean numa lista de pessoas procuradas pela Gestapo.

Não fica claro até que ponto Gabrielle estava envolvida, embora seja provável que ela não ignorasse a atividade da rede Dutch-Paris. Há aqueles que creem que Jean a deixou de fora tanto quanto lhe foi possível, de modo a protegê-la, mas outros testemunhos afirmam que ela operou como portadora de mensagens, levando essas mensagens de Jean para outros elementos da rede. O que se sabe com toda a certeza é que, durante esse período de tempo, Gabrielle permaneceu uma empregada fiel da União Franco-Belga, ocupando o posto de secretária do Presidente da Associação do Norte de França, Oscar Meyer, e é referida como tendo a credencial de missionária licenciada no *Seventh-day Adven-*

tist Yearbook de 1943. Entretanto, a Gestapo tinha anunciado um prêmio de cinco milhões de francos por informações que conduzissem à captura do seu irmão.

Detenção

Em junho de 1944, os Aliados estavam já nas praias da Normandia, avançando em direção a Paris e ao resto da Europa ocupada pelos Nazis. Para muitos, o fim do inferno estava prestes a chegar. Mas, para Gabrielle, o inferno tinha apenas começado.

Os ativistas da rede Dutch-Paris tinham ordens estritas para nunca levarem consigo documentação que revelasse nomes, endereços ou outra informação referente aos membros da rede. Mas houve alguém que não obedeceu a essa diretiva. Uma jovem ativista chamada Suzy Kraay foi apanhada e entregue à Gestapo. Para além da informação que ela revelou durante o interrogatório e a tortura, foi encontrado nos seus pertences um pequeno caderno de apontamentos cheio de contactos dos membros da organização. Em resultado desta descoberta, a Gestapo prendeu cerca de metade dos 300 membros da organização Dutch-Paris, incluindo Gabrielle. Segundo Herbert Ford, o biógrafo do seu irmão, Jean acreditou que a captura de Gabrielle teve em vista usá-la como isco, de modo a atraí-lo para as mãos da Gestapo.

Na manhã do último sábado de fevereiro de 1944, a Gestapo foi à Igreja Adventista do Sétimo Dia de Paris, onde Gabrielle cultuava, à sua procura. Tendo sido identificada por alguém na congregação, ela submeteu-se aos pedidos dos inspetores da Gestapo para que fosse com eles ao seu apartamento, o qual ficava no mesmo edifício em que se situava a sede da União e da Associação, nº 130 do

Boulevard de l'Hopital, em Paris. Tendo ouvido dizer que Gabriel-le tinha sido detida, a sua irmã mais nova, Annette, foi em busca dela. Ela chegou ao apartamento quando Gabrielle ainda estava com a Gestapo. Num esforço para manter a Gestapo afastada da sua irmã mais nova, Gabrielle falou de modo muito agressivo com ela, como se não a conhecesse, ordenando-lhe que saísse do seu apartamento. Esta atitude de Gabrielle salvou a vida da sua jovem irmã.

Foi permitido a Gabrielle levar alguns pertences antes de ser levada para a prisão de Fresnes, nos arredores de Paris, que era então a maior prisão de França. Durante a guerra, a prisão de Fresnes foi usada pelos Nazis para encarcerar, entre outros, membros capturados da resistência francesa. Gabrielle iria permanecer ali de fevereiro a agosto de 1944. Ela foi capaz de sobreviver às duras condições da prisão, dado que lhe foi permitido manter as suas roupas e receber um substancial pacote de comida oferecida pelos seus amigos. A sua saúde, segundo Bert Beach, nunca tinha sido particularmente robusta, mas na prisão ela conseguiu manter-se em boas condições. São-nos desconhecidos os detalhes exatos sobre os esforços para obter a sua libertação realizados por parte da liderança da Igreja, dos seus amigos e, claro, do seu irmão. Também não temos certeza sobre o tipo de interrogatório a que ela foi submetida, mas, fossem quais fossem os segredos que ela guardasse, estes nunca foram divulgados.

Por tão pouco

Em meados de agosto de 1944 os Aliados estavam a 60 quilómetros de Paris e o som dos seus canhões podiam ser ouvidos na cidade.⁴ De facto, havia a esperança

entre os amigos e os familiares de Gabrielle de que ela seria libertada muito em breve. Mas os Nazis tinham planos de último recurso. Estando iminente a chegada dos Aliados, muitos prisioneiros de Fresnes foram executados nos dias que antecederam a libertação de Paris. Outros foram levados à pressa para outra prisão – Romainville – de modo a aguardarem transporte para o Leste. Gabrielle estava entre aqueles que foram os últimos a serem transportados de Paris para os campos de concentração.

Depois de uma viagem de vários dias, ela chegou num vagão de gado a Ravensbrück, perto de Fürstenberg, no Norte da Alemanha. Segundo o seu “Personal-karte” (Cartão Pessoal), emitido pelos Nazis, ela chegou ao campo de concentração a 21 de agosto de 1944. Os Aliados libertaram Paris a 25 de agosto de 1944.

Gabrielle ficou em Ravensbrück durante um curto período de tempo. Era o maior campo de concentração de mulheres do sistema Nazi.⁵ Eram trazidas para ali mulheres de toda a Europa, sendo a população do campo de concentração constituída por presas políticas – foi assim que Gabrielle foi classificada. Ravensbrück tinha sido inaugurado em 1939 e, à data em que ela chegou ali, tão perto do fim da guerra, as instalações estavam num estado abominável, pois havia uma grande sobrelotação, condições sanitárias terríveis e doenças amplamente disseminadas. Gabrielle, juntamente com outras prisioneiras francesas classificadas da mesma forma, foi rapidamente transferida para Torgau – um sub-campo de Buchenwald. O seu cartão de registo prisional identifica-a como “Polit. Französin”, prisioneira política francesa. É interessante que a sua religião não foi identificada como sendo



Adventista do Sétimo Dia. Além disso, os seus captores registaram meticulosamente a sua aparência física, anotando que, como Colette Witt se recorda, ela era bastante alta. Gabrielle foi descrita como possuindo cabelo castanho escuro, olhos castanhos-claros e, em Alemão, a “gösser Mund”, isto é, uma boca grande, com todos os dentes e sem qualquer cicatriz. O emblema que simbolizava a sua situação era um triângulo vermelho invertido com um F inscrito, o que significava que ela era uma prisioneira política francesa. No seu endereço constava a morada 130 Boulevard de l'Hopital, Paris – o endereço da sede da União Franco-Belga dos Adventistas do Sétimo Dia.

Enquanto prisioneira política, Gabrielle foi usada como trabalhadora forçada. Em Torgau, as mulheres trabalhavam na produ-

ção de bombas e granadas, bem como na limpeza de engenhos explosivos não detonados⁶ – um trabalho que as expunha a ácidos e a fumos que enfraqueciam até as mais saudáveis. Não havia alimentação nem roupas adequadas. Gabrielle foi rapidamente transferida de volta para Ravensbrück em outubro. Mas, desta vez, ela foi enviada para um sub-campo de Ravensbrück, chamado Königsberg (Neumark), localizado nas instalações de um aeroporto no que hoje é território polaco. Königsberg fora inaugurado por volta de 20 de outubro de 1944 e foi povoado com prisioneiras transferidas do campo de concentração de Ravensbrück.⁷ Gabrielle chegou ali a 29 de outubro de 1944.

Dizer que as condições em Königsberg eram terríveis é pouco. As mulheres estavam acantonadas em barracões sem aquecimen-

to e dormiam em beliches de madeira com sacos cheios de papel a fazerem de colchões. A sua “dieta” estava concebida para as fazer sofrer a fome e elas não vestiam algo que as protegesse do frio agreste. A saúde de Gabrielle deteriorou-se rapidamente. Em Königsberg, alguém que estivesse doente de mais para trabalhar era transferido para a enfermaria – um lugar em que a restauração da saúde das prisioneiras era uma piada. Foi aí que Gabrielle passou o resto dos seus dias durante a sua estadia em Königsberg.

Madeleine Billot era uma amiga de Jean Weidner. Como resultado do seu envolvimento noutro grupo clandestino, ela foi deportada para Ravensbrück, onde conheceu Gabrielle. Depois de a guerra terminar, ela contou a Jean algo sobre a experiência da sua irmã. “Durante todo aquele tempo, Ga-



brielle deu um testemunho maravilhoso da sua fé em Deus. Ela estava na enfermaria de Königsberg e, mesmo ali, estava sempre a encorajar as outras prisioneiras.”⁸

No início de fevereiro de 1945, o exército soviético aproximava-se rapidamente do campo de concentração de Königsberg. As mulheres que ainda podiam andar foram levadas pelas SS numa marcha mortal forçada. Aquelas que estavam doentes de mais para caminhar, como Gabrielle, foram deixadas para morrer. Para tentar encobrir os seus crimes na sua retirada apressada, as SS incendiaram os barracões e a enfermaria, mas Gabrielle foi miraculosamente retirada da enfermaria em chamas no último momento. Os Soviéticos libertaram o campo a 5 de fevereiro de 1945.

Mas era tarde de mais.

Gabrielle Weidner morreu no sub-campo de Königsberg integrado no campo de concentração de Ravensbrück. Embora alguns registos indiquem que a sua morte ocorreu a 15 de fevereiro de 1945, um documento publicado, que contém a listagem de todas as prisioneiras de Ravensbrück,

declara que a sua morte ocorreu a 6 de fevereiro – ambas as datas estão situadas após a libertação do campo de concentração.⁹ A causa de morte dela não foi registada.

Bilot disse a Jean que eles enterraram a sua irmã em Königsberg – tendo ela sido uma das poucas pessoas a receber um enterro digno. Depois da guerra, foi iniciada uma busca pelo lugar de sepultamento de Gabrielle por iniciativa da Missão de Busca dos Países Baixos. Até 1951 o resultado da busca era negativo. Não foi encontrada qualquer sepultura.

Porquê?

A pergunta sempre presente sobre a razão por que Deus permite que coisas más aconteçam aos membros do Seu povo ganha destaque na triste história de Gabrielle Weidner. De facto, há respostas, mas, por agora, apenas Ele as conhece. Mas, no Céu, nós, juntamente com Gabrielle Weidner, poderemos finalmente compreender o que é atualmente incompreensível.

“A vós foi-vos concedido, em relação a Cristo, não somente crer nele, como também padecer

por ele.’ Filipenses 1:29. E, de todos os dons que o Céu pode conceder aos homens, a participação com Cristo nos Seus sofrimentos é o mais importante depósito e a mais elevada honra.”¹⁰ ✦

• **Wilona Karimabadi**
Assistente de edição da
Adventist Review

1. *Australasian Record*, 19 nov. 1928, numa carta intitulada “Greetings from France”.
2. Sobre a história de Jean Weidner veja-se www.adventistreview.org/article/1929/archives/issue-2008-1518/running-from-death.
3. Carol Rittner e Sondra Myers (eds.), *The Courage to Care*, New York: New York University Press, 1986, pp. 58-65.
4. Judy Barret Litoff, (ed.), *An American Heroine in the French Resistance: The Diary of Virginia D'Albert-Lake*, New York: Fordham University Press, 2006, p. 139.
5. www.ushmm.org/wlc/en/article.php?Module=10005199.
6. Geoffrey P. Megargee (ed.), *The United States Holocaust Memorial Museum Encyclopedia of Camps and Ghettos, 1933-1945*, Bloomington: Indiana University Press, 2012, vol. 1, part B, p. 428.
7. *Idem*, p. 1211.
8. Herbert Ford, *Flee the Captor*, Hagerstown: Review and Herald, 1994, pp. 352 e 353.
9. *Gedenkbuch für die Opfer des Konzentrationslager Ravensbrück 1939-1945*: Herausgegeben von der Mahmund Gedenkstätte Ravensbrück/Projekt Gedenkbuch Wissenschaftliche Leitung: Barbel Shcindler-Saefkow unter Mitarbeit von Monika Schnell, Berlin: Metropol, 2005, p. 655.
10. Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 179, Ed. P. SerVir.

Em 15 de outubro de 1844, uma semana antes do Grande Desapontamento, nasceu um menino no seio de uma piedosa família Luterana na Alemanha. O seu nome era Friedrich, Friedrich Nietzsche, e esta criança cresceria para se tornar num dos ateus mais influentes da Modernidade. Credo que o Deus cristão estava a morrer no Ocidente, Nietzsche protestou agressivamente contra a contínua influência moral da religião cristã, caracterizando-a como uma moralidade dos fracos, que, numa tentativa de se protegerem dos fortes, conceberam ideias tolas, como, por exemplo, “ama os teus inimigos”. Para Nietzsche, a Modernidade tinha de ultrapassar as noções antiquadas de “bem e mal”; um personagem num dos seus livros (*Assim Falou Zarathustra*) declarou: “Quebrai as velhas tábuas da Lei”, estando a referir-se, claro, aos Dez Mandamentos.

O ano de 1844 também foi importante para Karl Marx, o fundador do Comunismo. Intitulada *Os Manuscritos Económicos e Filosóficos de 1844*, esta obra seminal foi escrita por Marx nesse ano, embora só viesse a ser publicada em 1927 pela União Soviética. Os manuscritos revelam o desenvolvimento inicial da ideologia de Marx, na qual ele defende a existência de uma realidade totalmente materialista que atravessaria vários estágios económicos até os trabalhadores do mundo se unirem, derrubarem os seus opressores capitalistas e criarem uma utopia comunista na Terra.

O ano de 1844 também foi importante para Charles Darwin, pois foi nele que escreveu à sua esposa:

“Acabei o esboço da minha teoria sobre as espécies. Se, como creio, a minha teoria for verdadeira, e se for aceite, ao menos, por um juiz competente, será um passo considerável para a Ciência.” Naquilo que ficou conhecido como o “Ensaio de 1844”, Darwin redigiu uma das primeiras expressões da sua teoria evolucionista, ainda que ela não tenha sido tornada pública nessa data. Apenas em 1859, com a publicação de *Sobre a Origem das Espécies*, é que Darwin publicou a sua perspetiva de que toda a vida na Terra teve a sua origem num antepassado comum apenas pela ação de processos naturais e aleatórios.

Perdoe-me, mas eu penso que não foi por mera coincidência que esse ano, 1844, foi o cumprimento da profecia dos 2300 dias de Daniel 8:14, e foi também o mesmo ano em que, a partir do remanescente do Grande Desapontamento, foram plantadas sementes que iriam crescer até se formar um movimento mundial que repudia as ideologias Marxista, Nietzscheana e Darwiniana.

Contra Marx, o movimento Adventista do Sétimo Dia proclamou que é o Grande Conflito entre Cristo e Satanás, e não a dialética materialista, que explica o desenrolar

Marx, Darwin, Nietzsche e 1844

da História, que terminará, não numa utopia comunista feita pelo homem, mas no estabelecimento do reino eterno de Deus. Contra Darwin, o movimento Adventista do Sétimo Dia ensina que a vida se originou, não graças a processos naturais e aleatórios de mutação casual e de seleção natural, mas pelo poder do Deus Criador, que criou a vida na Terra em seis dias e descansou no sétimo dia. Contra Nietzsche, o movimento Adventista do Sétimo Dia proclama não apenas que Deus existe, mas que o Seu código moral universal, os Dez Mandamentos (“As velhas tábuas da Lei”) permanecem o padrão supremo de juízo de Deus, que é aplicável a toda a Humanidade.

Terá sido uma coincidência que todos estes eventos tenham ocorrido em 1844? Como seria ingénuo, penso eu, acreditar que se tratou de uma coincidência! ✦

• **Clifford Goldstein**

Editor do Manual de Estudo da Escola Sabatina

DECLARAÇÃO PELO DIÁLOGO, PELA TOLERÂNCIA RELIGIOSA E PELA PAZ

Paulo Sérgio Macedo
Departamento de Liberdade Religiosa e Assuntos Públicos

Por ocasião da tomada de posse da nova Comissão de Liberdade Religiosa, presidida por um dos responsáveis pelo nascimento e pelo conteúdo da Lei da Liberdade Religiosa, Dr. Vera Jardim, foi assinada uma Declaração conjunta pelas denominações religiosas radicadas em Portugal, em favor do Diálogo, da Tolerância e da Paz. A convite do Governo, nomeadamente do Minis-

tério da Justiça, a Igreja Adventista do Sétimo Dia participou na elaboração deste documento e foi uma das denominações signatárias. Embora afirmando a sua posição oficial de não participação em movimentos de caráter ecuménico, e principalmente reafirmando a sua abstenção de iniciativas de culto e de louvor em comum, a Igreja informa que decidiu aceitar o convite para a assinatura desta Declaração pelo seu objetivo de cidadania e pelo seu conteúdo de afirmação de princípios de respeito pela liberdade de consciên-

cia, culto e religião, com os quais nos identificamos e que nos caracterizam. Para além dos considerando iniciais, esta Declaração afirma o seguinte compromisso: “Os representantes das igrejas e comunidades religiosas acima referidas comprometem-se a defender a liberdade de expressão e a liberdade de consciência, de religião e culto de cada pessoa, com respeito mútuo entre todas as igrejas/comunidades religiosas, através do diálogo em que têm vindo a participar com frequência, estimulando desse modo o sentimento

de Fraternidade e Compreensão, valor universal de todos os concidadãos crentes e não crentes.” Para além da participação nesta iniciativa, a Igreja Adventista do Sétimo Dia deseja, publicamente, felicitar a recém-nomeada Comissão de Liberdade Religiosa e fazer votos de sucesso no zelo pelo cumprimento dos princípios constitucionais e legais das liberdades ligadas à consciência, ao culto e à religião e no aprofundamento do espírito de tolerância e de paz que é desejável num Estado de Direito e numa Sociedade plural. ✎

IGREJA DE SETÚBAL EM AÇÃO

Dep. de Comunicação
IASD Setúbal

A Igreja de Setúbal deseja partilhar com os membros e amigos da Igreja nacional os momentos de alegria que teve oportunidade de viver durante o mês de outubro, que são motivo de louvor ao nosso bom Deus.

No sábado, 1 de outubro, sete novos irmãos testemunharam publicamente a sua entrega a Jesus. Entre eles estão cinco jovens, que, seguindo o conselho de Provérbios, decidiram aproveitar ao máximo a sua juventude numa caminhada bem próxima com Deus: a Ana Távira, o César Braga, o Gonçalo Durães, a Maria Clara Barbosa e o Tiago Espírito Santo. Juntaram-se a eles também a irmã Regina Correia e o irmão Raul Braga. A cerimónia batismal contou com a presença de muitas testemunhas, da igreja de Setúbal, de

igrejas próximas e familiares e amigos dos novos irmãos, e foi um momento de um profundo sentimento de união e fraternidade. Os jovens, amigos dos recém-batizados, prepararam uma mensagem especial para cada um deles, com fotos e a enumeração das características pessoais, assinalando este momento marcante com amizade e votos de companheirismo cristão. O Pastor Rogério Fernandes, um líder muito querido pela sua igreja pelo seu testemunho de afetuosa liderança, oficiou a cerimónia e realizou os batismos, salientando a alegria de ver Jesus a atuar na vida daqueles que aceitam o Seu convite.

Poucos dias depois, no dia 7 de outubro, a irmã Valnete Marques desceu também às águas batismais, no momento da passagem do Pastor Luís Gonçalves pela igreja de Setúbal. Esta irmã, que tinha conhecido a Igreja no Brasil, conseguiu fi-

nalmente ultrapassar as dificuldades que encontrava com a guarda do Sábado e testemunhou publicamente a sua fé, perante a igreja local e a Igreja nacional.

Outubro foi mesmo um mês pleno de boas emoções. Nos dias 14 e 15, a convite do Departamento da Família local, a igreja de Setúbal recebeu a visita do Dr. António Del Pino, psicólogo e Diretor do Departamento da Família da União Espanhola dos Adventistas do Sétimo Dia, acompanhado da sua esposa, irmã Professora Pilar. Desde o pôr do Sol de sexta-feira até ao pôr do Sol de Sábado, passando pelo sermão de

Sábado, o Dr. Del Pino falou aos assistentes sobre a visão de Deus para a família e a responsabilidade de cada um em não a turvar nem denegrir. Este encontro terminou com um momento de Santa Ceia especial, com um lava-pés entre os membros das diversas famílias, numa oportunidade de reencontro entre os seus membros e de uma reentrega a Deus.

Por todas estas razões, efetivamente alegramo-nos nestas ocasiões por termos ido à Casa do Senhor e estamos gratos a Ele pelo que nos tem permitido viver como Igreja. A Ele sejam dados toda a honra e louvor. ✎



ESCOLA CRISTÃ DE FÉRIAS EM SETÚBAL

Sónia Fernandes
IASD de Setúbal

A igreja Adventista do Sétimo Dia de Setúbal tem vindo a organizar, anualmente, uma Escola Cristã de Férias para as crianças da comunidade. Este ano não foi exceção e, de 11 a 15 de julho, as crianças tiveram mais uma se-

maneira diferente e divertida. Foi escolhido como tema “O Céu”. A base do programa assentou em passagens bíblicas e no livro de Ellen G. White intitulado *Visões do Céu*. O nosso objetivo era contar com a participação de 60 crianças. Pela graça de Deus recebemos 61 ins-

crições. As crianças foram distribuídas, consoante a faixa etária, por quatro grupos com nomes de joias: as Pérolas, os Rubis, as Safiras e os Ónix. Durante esta semana especial foram promovidos cinco ateliês: Bíblia, Música, Culinária, Arte e Jogos. Os grupos rodaram pelos ateliês e, através de diferentes atividades, consolidaram o tema de incentivar as crianças a participarem nessa viagem especial. No segundo dia abordou-se a coroação dos fiéis, que acontecerá no Céu, para as crianças perceberem que são herdeiras de um reino magnífico. No terceiro dia procurou-se que as crianças entendessem que aquilo que nos está preparado é ainda melhor do que podemos imaginar. O tema foi “Um condomínio de luxo”, e, através das diferentes atividades, procurou-se fazer vislumbrar as maravilhas que nos aguardam. No quarto dia, o tema era “Os melhores brinquedos do mundo”. O objetivo era que as crianças percebessem que Deus criou animais fantásticos para as nossas brincadeiras. No último dia o tema foi “Haverá sempre algo novo”, sendo que a ideia era levar a criança a perceber que temos novas faculdades, para aprendermos sem nunca nos aborrecer, pois a vida na Nova Terra será uma aventura de descoberta diária para toda a eternidade.

A organização de uma Escola Cristã de Férias implica a disponibilidade de muitas pessoas. Felizmente, a equipa organizadora contou com a preciosa ajuda de alguns membros

de igreja e de elementos das Unidades de Ação dos Adolescentes e Jovens, que participaram ativamente nos diferentes ateliês. Queremos salientar também a participação de membros de igreja que, através dos seus talentos pessoais (como a costura, o desenho, as artes e a decoração), deram do seu tempo, do seu esforço e do seu dinheiro para a preparação desta Escola Cristã de Férias. O culminar desta semana especial ocorreu no sábado, dia 16 de julho, tendo sido estendido um convite a todos os participantes e às suas famílias para assistirem a um culto dedicado às crianças. Este foi tão bem aceite que a igreja de Setúbal ficou superlotada. A anciã da igreja da Amadora, Dulce Neto, abordou o tema da semana de forma didática e original, transformando o período do sermão num espaço de consolidação dos conhecimentos adquiridos pelas crianças durante a semana, partilhando-os assim também com as respetivas famílias. Com a ajuda de imagens, a audiência visualizou a viagem magnífica que a aguarda, sendo que o único bilhete necessário é ter Jesus no coração. ✨



mana diferente e divertida. Foi escolhido como tema “O Céu”. A base do programa assentou em passagens bíblicas e no livro de Ellen G. White intitulado *Visões do Céu*. O nosso objetivo era contar com a participação de 60 crianças. Pela graça de Deus recebemos 61 ins-

bíblico ministrado nesse dia. O conceito da Escola Cristã de Férias – “Vamos subir...!” – dividiu-se em cinco partes, cada uma correspondendo a um dos dias da semana. No primeiro dia falou-se sobre a viagem intergaláctica que vai realizar-se um dia, com o propósito

DEUS PROTEGE A SUA IGREJA EM VILA NOVA DE MONSARROS

Manuel António
IASD de Vila Nova de Monsarros

Eravam duas horas da madrugada do dia 9 de agosto quando o inferno irrompeu sobre Vila Nova de

Monsarros e, quatro horas mais tarde, sobre Monsarros. Vários crentes Adventistas destas duas localidades estiveram na iminência de ver os seus lares serem tragados pelas chamas. Valeu a sua coragem, o seu esforço e a ajuda de muitos braços

amigos. Mas, sobretudo, valeu o poder e a autoridade do nosso bom Deus. Assim como Ele não permitiu que Satanás tocasse na vida Job, também não lhe permitiu que tocasse nos haveres dos seus filhos. A nossa igreja, antes rodeada de verde, ago-



ra está rodeada de cinzas negras. No entanto, estamos gratos a Deus pela Sua misericórdia e pelo amor que nos tem. Obrigado, Senhor! ✨



COMEMORAÇÕES EM SACAVÉM

Departamento de Comunicação IASD Sacavém

“Eu e a minha casa serviremos ao Senhor.” Foi com este testemunho que a família Neves, no dia 6 de agosto de 2016, quis partilhar os seus dez anos de matrimónio, trazendo à casa do Senhor a dedicação do benjamim da família, a bebé Ana, e associando-se no batismo do seu primogénito, o juvenil Genildo Lucas. Para além destas duas cerimónias, partilharam

com os membros da igreja a felicidade que experimentam como família cristã numa cerimónia de Bênção Familiar, onde renovaram os seus votos matrimoniais e testemunharam que a vida familiar cristã é doce, colorida e abençoada. O Pr. Enoque Nunes, oficiante desta jornada espiritual, dirigiu as seguintes palavras ao casal: “Ao longo destes dez anos de matrimónio partilharam suspiros e realizaram uma caminhada a dois de ideias e de inspiração. Estou certo de que durante esta década aprenderam muitas coisas juntos, algumas lições de vida, e experimentaram o que a Palavra de Deus ensina, ao dizer que o marido e a mulher se tornam numa



só carne. Na verdade, não vos limitastes ao que podia ser somente um momento festivo, partilhado na vossa intimidade. Decidistes procurar o religioso e daí também extrair os valores sagrados que esta celebração contém. Celebrar é mais do que festejar, porque quando se celebra que-

remos destacar um facto, torná-lo especial, realçar o seu significado, retirá-lo da banalidade da vida e fazer com que a alegria e a felicidade se tornem na expressão dos valores sagrados. Deus seja glorificado e cada família aqui presente se sinta edificada no temor do nosso Pai Celestial.”

DESCANSOU NO SENHOR

Maria Sales
Anciã da IASD de Almada



Faleceu no dia 15 de julho de 2016 a irmã **Maria Fernanda Guerra**.

Contava 87 anos. Foi batizada na igreja de Benguela, Angola, pelo Pr. António Maurício, em 1971. Casada com o irmão Alberto Guerra, a nossa irmã era membro da igreja de Almada desde 1976, sendo sempre fiel e assídua. Nos últimos anos esteve doente e impossibilitada de assistir às atividades da igreja, mas foi sempre amada por todos os seus irmãos na fé. Assim, ansiamos abraçá-la na pátria celestial. Aos seus familiares deixamos como palavras de conforto as palavras das Sagradas Escrituras: “Bem-aventurados os mortos que, desde agora, morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem dos seus trabalhos, e as suas obras os sigam” (Apocalipse 14:13).

NOTÍCIAS INTERNACIONAIS



PARTICIPAÇÃO ADVENTISTA NA CIMEIRA INTER-RELIGIOSA G20

ANN/RA

Após a reunião dos líderes políticos mundiais na Cimeira dos G20 em setembro, na China, um grupo internacional de académicos religiosos reuniu-se em Pequim para debater a seguinte questão: Como pode a Religião ajudar a promover o diálogo entre as nações e colaborar na descoberta de soluções para os graves problemas do mundo contemporâneo? Ganoune Diop, diretor do Departamento de Liberdade Religiosa e Assuntos Públicos da Conferência Geral, foi convidado a dirigir-se a um grupo de 40 académicos e lí-

deres religiosos. Ele disse ao grupo que, antes de falarmos sobre as nossas diferenças, devemos primeiro reconhecer que partilhamos certos valores humanos fundamentais. A sua comunicação – intitulada “Explorar a interseção de valores: um caminho para a solidariedade entre nações e civilizações” – apresentou alguns valores humanos universais que os seres humanos reconhecem como fundamentais, independentemente da sua pertença a esta ou àquela fé religiosa. Diop fez notar que valores como a dignidade, a justiça e a honra ajudam a definir o que significa ser humano. Ele também discutiu o conceito

fundamental da “dignidade humana” tal como ele é apresentado no Islão, no Cristianismo, no Judaísmo e em várias religiões asiáticas. Há já 11 anos que Cimeiras Inter-Religiosas G20 têm vindo a ser realizadas à margem de cada Cimeira dos G20. O seu propósito é o de ponderar o papel da religião nas diversas questões globais atuais e indicar as contribuições concretas dadas pelas religiões. Esta é segunda vez que Ganoune Diop foi convidado para dirigir a palavra aos académicos reunidos nesta Cimeira. A primeira vez aconteceu na Cimeira Inter-Religiosa G20 realizada em 2015 na cidade turca de Istambul.



A DIVISÃO INTER-AMERICANA LANÇA TRÊS NOVOS CANAIS DE TELEVISÃO

ANN/RA

A Divisão Inter-Americana lançou oficialmente os seus três canais de televisão na segunda semana de setembro, durante um programa realizado na sua sede em Miami, EUA. Os líderes do *Hope Channel* e da Divisão Inter-Americana participaram numa cerimónia que

marcou o início das emissões do *Hope Channel Inter-America* em Inglês, Francês e Espanhol através de satélite, da Internet e de Roku. A Divisão investiu muito dinheiro para lançar o *Hope Channel Inter-America* (em inglês), a *Esperanza TV Interamérica* (em espanhol) e a *Esperance TV Interamerique* (em francês). As emissões decorrerão 24 horas por dia, sete dias por

semana, e alcançarão mais de 280 milhões de pessoas. Por agora, o canal em inglês continuará a passar a programação do *Hope Channel* oficial, o canal em espanhol passará programação produzida pela Divisão Inter-Americana e o canal em francês passará programação produzida pela União da Guiana e das Antilhas Francesas. O *Hope Channel Inter-America*

dependerá de conteúdos produzidos pelos centros de produção multimédia que já existem na Divisão Inter-Americana. O *Hope Channel Inter-America* vem juntar-se à rede mundial de canais televisivos Adventistas *Hope Channel* no satélite *Eutelsat 113W*. Pode assistir à programação do *Hope Channel Inter-America* na Internet, se visitar o sítio hopetv.org.

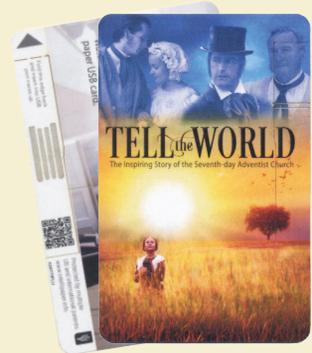
EVANGELISMO DE ÚLTIMA GERAÇÃO: A PEN USB EM PAPEL

AR/RA

A Igreja Adventista do Sétimo Dia associou-se ao inventor Adventista Andrew DePaula e à sua empresa *IntelliPaper* para produzir a próxima geração de instrumentos de evangelização baseados em cartões USB em papel. Trata-se de *pens USB* feitas de papel. Estes cartões USB em papel já estão disponíveis por 1 euro cada e apresentam cinco conteúdos diferentes: O livro *The Great Hope*, versão abreviada de

O Grande Conflito; *Steps to Jesus*, uma versão moderna de *Aos Pés de Cristo*; *Dare to Believe*, um filme sobre a Criação a partir da perspectiva de Moisés; *Heroes*, que inclui uma ligação à *app* do jogo com o mesmo nome; e *Tell the World*, um filme sobre a história da nossa Igreja. Nancy Lamoreaux, responsável pelo departamento de informática da Conferência Geral, afirmou que os cartões USB em papel são a estratégia de futuro para a partilha da fé Adventista. “Hoje o livro *The Great*

Hope e outros títulos estão disponíveis sob a forma de cartões *IntelliPaper* baratos, os quais são um modo extraordinário de colocar a nossa mensagem nas mãos de pessoas que poderiam não estar interessadas num livro ou DVD.” O cartão USB em papel contém um pequeno *chip* capaz de armazenar livros, estudos bíblicos e *links* de *sites* da Internet. Estes cartões contêm menos de uma *megabyte* de memória e apenas podem ser lidos, mas outras versões criadas pela *IntelliPaper* podem co-



municar diretamente com *smartphones* e outros dispositivos informáticos. Os cartões Adventistas para partilha estão disponíveis em pacotes de 10 no [site Adventist.cards](http://site.Adventist.cards).

UM FILME SOBRE DESMOND DOSS, O HERÓI ADVENTISTA

AR/RA

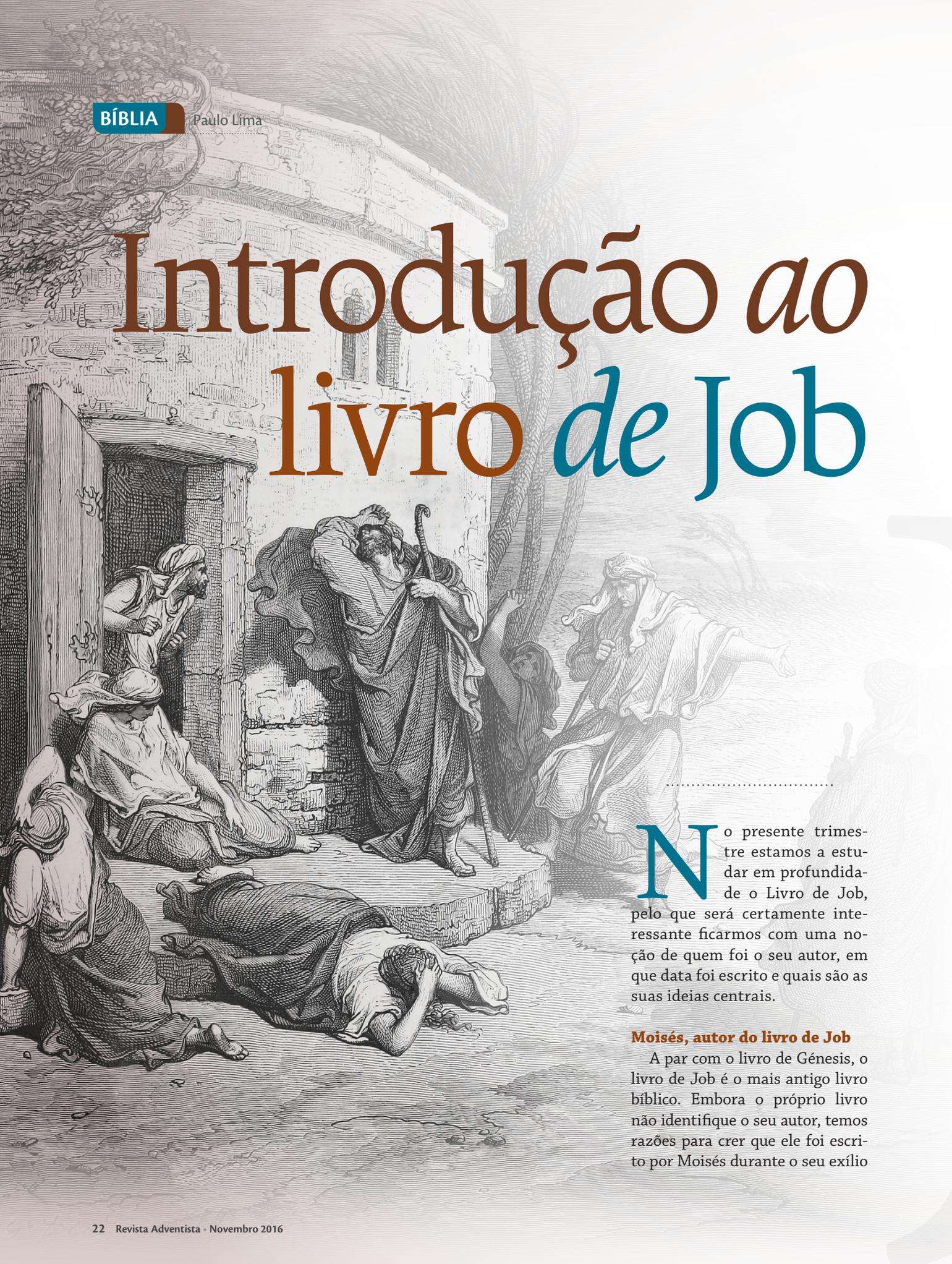
Há mais de 70 anos, um herói improvável salvou a vida de dezenas de soldados americanos durante uma das batalhas mais sangrentas da II Guerra Mundial. Em novembro de 2016 esta história será projetada em ecrãs de cinema de todo o mundo e a imprensa internacional

já considera o filme *Hacksaw Ridge* como um potencial vencedor dos Óscares. O filme conta a história do Cabo Desmond Doss, um paramédico militar Adventista, que, rodeado pelos disparos do inimigo, salvou a vida de 75 *marines* durante a batalha de Okinawa. Como resultado da sua bravura, Desmond Doss recebeu a Medalha de Honra do Congresso, a mais elevada

distinção militar dos Estados Unidos da América. É provável que milhões de pessoas vejam este filme sobre o herói Adventista, e, assim, aprenderão mais sobre a sua fé e sobre o Deus que inspirou Doss a comportar-se com tão grande empenho e bravura. De facto, o filme retrata com precisão a fé de Doss. Ele é apresentado como sendo um Cristão Adventista empenhado,

que foi levado pela sua fé em Deus a manter as suas crenças cristãs e o seu estatuto de objeto de consciência mesmo perante a maior adversidade e a mais forte oposição. O filme *Hacksaw Ridge* não foi feito por Adventistas, nem foi feito para Adventistas. Mas concede aos Adventistas uma extraordinária oportunidade para testemunharem sobre a sua fé.

Introdução ao livro de Job



No presente trimestre estamos a estudar em profundidade o Livro de Job, pelo que será certamente interessante ficarmos com uma noção de quem foi o seu autor, em que data foi escrito e quais são as suas ideias centrais.

Moisés, autor do livro de Job

A par com o livro de Génesis, o livro de Job é o mais antigo livro bíblico. Embora o próprio livro não identifique o seu autor, temos razões para crer que ele foi escrito por Moisés durante o seu exílio

em Midian. De facto, a tradição judaica preservada no *Talmud de Babilónia* – coligida no início do sexto século da nossa era – atribui a Moisés a autoria do livro de Job. No tratado talmúdico *Baba Bathra*, 14b-15a, é-nos dito que “Moisés escreveu o seu próprio livro, as passagens sobre Balaão e Job”. Esta tradição judaica é corroborada pela pena inspirada de Ellen G. White. Na revista *Signs of the Times* (Sinais dos Tempos) de 19 de fevereiro de 1880, ela escreveu o seguinte: “Os longos anos passados na solidão do deserto não foram perdidos. Moisés não somente estava a adquirir uma preparação para o grande trabalho que o esperava, mas durante esse tempo, sob a inspiração do Espírito Santo, ele escreveu também os livros de Génesis e de Job, que seriam lidos com o mais profundo interesse pelo povo de Deus até ao fim dos tempos.” Esta declaração do Espírito de Profecia é reafirmada no livro *Education* (Educação), p. 159, pois aí é dito que “Antes que os primeiros poetas do mundo tivessem cantado, o pastor de Midian [i.e., Moisés] registou aquelas palavras de Deus a Job, palavras essas que as mais elevadas produções do génio humano não igualam, a que nem se aproximam, tal é a sua majestade”.

Esta atribuição da autoria do livro de Job a Moisés pelo *Talmud* e pelo Espírito de Profecia pode ser apoiada pelos seguintes argumentos. Em primeiro lugar, Moisés viveu quarenta anos em Midian durante o seu exílio, como nos diz Êxodo 2:15. Ora, Midian era um território vizinho da terra de Uz, onde habitara Job. Assim, durante a sua estadia em Midian, Moisés teve ampla oportunidade para obter informações sobre Job e a sua experiência, podendo contactar com os seus descendentes

ou com outras pessoas que tivessem sido testemunhas da história vivida por Job. Dado que Moisés tinha sido educado na ciência do Egito, ele tinha a formação literária necessária para escrever o livro de Job. Hoje sabemos que, na época em que Moisés esteve exilado, já tinha sido inventado o proto-alfabeto semita, o qual estava a ser empregue precisamente na área onde ele residia. Portanto, Moisés tinha as ferramentas culturais necessárias para pôr por escrito a história de Job. Em segundo lugar, os pormenores sobre a cultura e a sociedade árabe dos tempos patriarcais e as alusões às realidades e ao modo de vida do Egito que permeiam o livro de Job indicam que o seu autor deveria ser alguém com um bom conhecimento sobre o modo de vida árabe e egípcio. Ora, nós sabemos que esse era, precisamente, o caso de Moisés. Em terceiro lugar, o conceito sobre Deus como Criador e Sustentador, tal como se reflete em Job 38-41, corresponde bem à ideia de Deus que é apresentada nos primeiros capítulos do livro de Génesis, o qual foi escrito por Moisés. Em quarto lugar, existem extraordinárias semelhanças de estilo entre o livro de Job e o Pentateuco. Algumas palavras usadas no livro de Job também surgem no Pentateuco, e em mais lado nenhum do Antigo Testamento. Por exemplo, *'achu* (“prado”), *tenu'ah* (“oposição”), *nets* (uma ave imunda), *palil* (“juíz”), *yarat* (“arremessar”). O caso mais emblemático é o uso que o livro de Job faz do nome divino *Shaddai* (“Todo-Poderoso”). Este nome divino ocorre 31 vezes em Job e 6 vezes em Génesis, e praticamente não é usado sob esta forma no resto do Antigo Testamento. Além destas, muitas outras palavras comuns a Job e ao

Pentateuco são raramente usadas por outros escritores bíblicos. Na verdade, a língua em que o livro de Job foi escrito é arcaica, cheia de antigas palavras de origem árabe e aramaica, tal como ocorre, por vezes, no Pentateuco. Em quinto lugar, a ausência de qualquer referência ao código mosaico – i.e., às leis reveladas a Moisés – indica que o autor de Job escreveu a sua obra numa data anterior à redação e à vigência do Pentateuco. De facto, um autor judeu que tivesse escrito numa época posterior à existência do código mosaico dificilmente teria evitado alusões às normas do Pentateuco no seu livro quando tivesse de caracterizar os usos e costumes da sociedade e da cultura em que Job vivia. Um tal autor não seria capaz de apresentar uma descrição tão viva, tão autêntica e tão harmoniosa da sociedade e da cultura dos tempos patriarcais, sem qualquer anacronismo histórico e sem qualquer alusão aos costumes do seu próprio tempo. Ora, os costumes, as instituições e o modo de vida descritos no livro de Job são precisamente aqueles que caracterizaram as sociedades patriarcais. As descrições pastorais refletem genuinamente a vida no deserto. A vida citadina corresponde à vida nas primeiras comunidades urbanas (Job 29), com o seu conselho de anciãos como juízes na porta da cidade (Job 29:7), com o seu chefe, simultaneamente juiz e guerreiro (Job 29:25), mas com acusações legais escritas (Job 31:35) e com formas estabelecidas para os processos legais (Job 9:33; 31:28). A civilização que é descrita em Job é primitiva, com inscrições rupestres (Job 19:23 e 24), extração de minério tal como era praticada pelos Egípcios na Península do Sinai desde 2000 a.C., grandes edifícios (Job

3:14) e sepulcros vigiados pelas figuras esculpidas dos mortos (Job 21:32). As alusões históricas presentes no livro de Job também só remetem para realidades antigas – prévias ao tempo de Moisés – como as pirâmides egípcias (Job 3:14), o Dilúvio (Job 22:16), a destruição de Sodoma e Gomorra (Job 18:15) e outras realidades semelhantes. Note-se que não há a mais pequena alusão aos grandes eventos da história de Israel: o Êxodo, a passagem do Mar Vermelho, a Aliança no Sinai, a conquista de Canaã, o tempo dos juízes ou da monarquia unida. Ora, se o livro de Job tivesse sido escrito por um Judeu do tempo de Salomão ou do Exílio – como pretendem os académicos liberais – dificilmente ele teria evitado fazer referências anacrónicas no seu livro. Portanto, é evidente que o autor do livro de Job foi alguém que escreveu muito próximo da época patriarcal, a época histórica descrita no próprio livro de Job. Moisés encontrava-se precisamente nessa situação histórica.

Assim, ele apresenta-se como um forte candidato à autoria do livro de Job. Estes argumentos que identificam Moisés como o autor do livro de Job permitem também explicar que esse livro tenha sido aceite pela tradição israelita e tenha acabado por ser acolhido no cânone do Antigo Testamento estabelecido no concílio rabínico de lavne (em finais do século I).

Local e data de redação do livro de Job

A tese de que Moisés escreveu o livro de Job durante o seu exílio em Midian (por volta do ano 1500 a.C.) infere-se não apenas da declaração de Ellen G. White que citámos anteriormente, mas também dos argumentos que apresentámos. De facto, o livro de Job retrata eventos históricos que ocorreram durante o período patriarcal na terra de Uz, que fica nas proximidades de Midian. Como já dissemos, o livro de Job não apresenta qualquer referência aos eventos da história de Israel que ocorreram *após* o re-

gresso de Moisés ao Egipto. Também não há qualquer referência à legislação revelada a Moisés no Sinai. Assim, sendo anterior ao Pentateuco, o livro de Job deve ser mais antigo do que qualquer outro livro da Bíblia, excetuando o livro de Génesis. Portanto, podemos situar a sua redação por Moisés por volta do fim do período patriarcal, quando residia em Midian, pouco tempo antes do êxodo de Israel em direção a Canaã (que aconteceu por volta de 1445 a.C.).

Esta antiguidade do livro de Job é sustentada pelo seu conteúdo, que remete para a época patriarcal. O nome de Job – em hebreu 'yyôbh – é a transcrição em hebraico de um nome arábico – *ayya-abum* – e significa “onde [está] o meu pai?”. Este nome é muito antigo e ocorre nas Cartas de Amarna (de 1350 a.C.) como *Ayyâb*, e nos textos de Mari (de 1800 a.C.) como *'Ayyâbum*. Job habitava na terra de Uz. Uz ficava no Oriente (Job 1:3), a sudeste da Palestina, sendo adjacente



à Idumeia e ao país dos Sabeus e dos Caldeus (Job 1:15, 17). Portanto, ocupava o Norte da Arábia Deserta, situando-se a oeste do rio Eufrates. Josefo, o historiador judeu do século I, localiza Uz na Arábia Deserta (*Antiguidades* I.6.4.). A *Septuaginta* – a antiga tradução grega do Antigo Testamento – traduz o topónimo “Uz” por *Ausitis*, o que remete para o povo a que Ptolomeu, o geógrafo grego do século II, chama *Ausitai* e que se situa no deserto da Arábia, junto ao país de Edom (*Geografia* 19). De facto, o cenário histórico e social da história narrada em Job é marcado pela cultura árabe do deserto própria dos tempos patriarcais. Assim o indica a longevidade de Job (que chegou a ter mais de 140 anos de vida – Job 42:16 e 17); o seu modo de vida pastoril baseado na criação de gado, e em que os rebanhos materializam a riqueza (Job 1:3; 42:12); a referência às incursões de rapina dos Sabeus e dos Caldeus, povos que permaneceram nómadas no Norte da Arábia até cerca do ano 1000 a.C. (Job 1:15, 17); a organização familiar baseada no clã patriarcal (Job 1:4 e 5; 42:11); a realização de sacrifícios religiosos pelo chefe da família, e não por um sacerdote especificamente consagrado para esse efeito (Job 1:5; 42:8); a menção da *qesitâ* como unidade monetária em uso no tempo de Job (Job 42:11), o que remete para a época patriarcal, pois esta unidade monetária era usada no tempo dos patriarcas (veja-se Génesis 33:19; Josué 24:32); a preferência marcada pelo uso dos termos pan-semíticos *'Elôha* e *'Elôhim* para designar Deus, juntamente com o título *Shadday* (“Todo-Poderoso”), o que se explica pela etnicidade árabe de Job e dos seus amigos. Portanto,

temos aqui um quadro histórico e social característico do período que antecedeu o ano 1500 a.C..

O tema central do livro de Job

O tema central do livro de Job é nada mais, nada menos, do que o problema do Mal: por que razão sofrem as pessoas moralmente íntegras? Esta questão conduz à necessidade de se estabelecer uma Teodiceia, isto é, de se defender a justiça de Deus no Seu trato com os seres humanos. Essa Teodiceia deve responder à questão seguinte: Se Deus é bom e onnipotente, por que razão permite Ele que as Suas criaturas sofram? É a este problema, abordado desde o terceiro milénio a.C. pela literatura egípcia, suméria e babilónica, que o autor de Job procura responder. Assim, o livro de Job é um livro universal porque procura responder a uma questão universal, colocada por cada ser humano sempre que se vê sob a agonia do sofrimento imerecido. De facto, os quatro amigos de Job tentam fornecer uma resposta ao problema colocado pelo sofrimento de Job. Elifaz, Bildade e Zofar representam tudo o que a teologia tradicional tinha a dizer sobre o significado do sofrimento humano. Para eles, o sofrimento é sempre uma consequência – um castigo – do pecado cometido pela pessoa que sofre. Eliú, o amigo mais novo de Job, defende uma tese ligeiramente diferente sobre a causa do sofrimento humano. Para ele, o sofrimento é um meio usado por Deus para educar o homem. Mas Job não pode aceitar a explicação oferecida pelos seus amigos sobre a causa do seu sofrimento. Ele não consegue conciliar as teorias dos seus amigos com a sua dolorosa experiência. E ele tem razão! Job sabe que é inocente (Job 6:30;

9:15); Deus confirma que Job é inocente (Job 42:7); e o autor do livro faz-nos saber desde o início que Job é inocente (Job 1:1). Portanto, as teses dos amigos de Job não podem estar corretas na sua inexorabilidade dogmática. Deste modo, o autor do livro de Job alcança o seu grande objetivo: mostrar que a teoria tradicional sobre a causa geral do sofrimento humano não tem fundamento. Ele procura, assim, mostrar que o sofrimento nem sempre é merecido e que neste mundo – envolvido no Grande Conflito entre o Mal e o Bem, isto é, entre Satanás e Deus – os seres humanos podem sofrer inocentemente. Na verdade, a resposta do autor do livro de Job ao problema do sofrimento, que se apresenta também como uma Teodiceia, assenta no facto de estarmos todos envolvidos no Grande Conflito entre Deus e Satanás. A percepção clara sobre a existência deste conflito e sobre o seu efeito na vida dos homens é a grande revelação que Moisés nos oferece ao escrever o livro de Job. Job surge como o “campeão” de Deus, como aquele que deve mostrar que Deus pode ser amado, sem segundas intenções, pelos seres humanos, apenas e somente por causa das Suas perfeições morais. Job defende assim a honra de Deus, questionada pela insinuação de Satanás de que Job servia Deus apenas por causa das bênçãos materiais recebidas da mão divina. Depois de lermos o livro de Job, também nós estaremos numa posição mais favorável para fazermos face ao enigma do sofrimento. Assim, aproveite este trimestre para aprofundar o seu conhecimento sobre este importante livro da Bíblia. ✨

• Paulo Lima

Editor da Revista Adventista

Conforme o fim se aproxima, os eventos que antecedem o regresso de Cristo podem intensificar-se em progressão geométrica.



5 minutos decisivos

Por fazer parte da quinta geração de Adventistas do Sétimo Dia da minha família e ter crescido nessa comunidade de fé, sempre ouvi a afirmação de que “Jesus voltará em breve”. Por isso, quando me perguntam se ainda creio na iminência do regresso de Cristo, prefiro responder como os discípulos: “o fim de todas as coisas está próximo” (I Pedro 4:7); “A noite está quase a acabar: o dia logo vem” (Romanos 13:12, NVI); “Ainda dentro de pouco tempo, aquele que vem virá e não tardará” (He-

breus 10:37). Se acrescentarmos a estas confissões de fé a promessa do próprio Senhor, incluída na última oração da Bíblia, que outra posição restaria para os Adventistas defenderem? “Certamente, venho sem demora. Amém! Vem, Senhor Jesus! A graça do Senhor Jesus seja com todos” (Apocalipse 22:20 e 21).

Sim, mas será que estas antigas passagens tinham realmente a intenção de ensinar que Cristo voltaria muito em breve? Já realizei o funeral de jovens que foram levados por uma morte repentina. O

meu sentimento pastoral é de que o Espírito Santo, que inspirou o senso de iminência do Novo Testamento, tinha, sim, a intenção de que a sua mensagem fosse interpretada de um modo literal: “Viva na expectativa diária de que Cristo voltará em breve, pois o seu último suspiro está apenas a um fôlego de distância da sua primeira inspiração quando Jesus voltar.” Isto significa que estamos destinados a passar a vida numa espécie de limbo escatológico, sem nunca ter a certeza ou a garantia de quando é que Jesus vai voltar? De modo algum!

A matemática do fim

Deparei-me com uma ilustração que mudou radicalmente a minha percepção de que o fim está muito mais próximo do que parece. Chris Martenson, investigador na área da economia e futurólogo, pede-nos para imaginarmos que estamos no Fenway Park, estádio da equipa de baseball dos *Red Sox*, na cidade de Boston. Ao meio-dia, ele alçamos-nos no banco mais alto das arquibancadas e então, com um contágotas mágico, pinga uma só gota de água na posição do lançador, lá em baixo, no campo de jogo. O detalhe a reter é que essa gota duplica magicamente a cada minuto. Uma gota dá lugar a duas, duas dão lugar a quatro, e assim por diante.

Se o estádio fosse à prova de água, quanto tempo teria para fugir, antes de se afogar? Durante vários minutos, não veria nenhum aumento considerável no nível da água. Às 12:44, por exemplo, haveria apenas um metro e meio de água no estádio, deixando ainda 93% do campo de jogo vazio. Mas a realidade assustadora é que, nos cinco minutos seguintes, a água cobriria o seu banco na parte mais alta da arquibancada. Às 12:49 já estaria submerso. Este é o poder da progressão geométrica. Durante 44 minutos a percepção é de que teríamos todo o tempo do mundo para deixar o estádio. Mas, cinco minutos depois, tínhamos sido engolidos pela água!

Martenson adverte que esta mesma lógica pode ser observada hoje no Planeta. O gráfico deste fenómeno é comparado por ele com um taco de hóquei. Martenson faz notar que tendências globais que hoje assustam – como o aumento da população da Terra, a escassez de combustíveis fósseis, de água e de alimentos, e o crescimento das dívidas nacionais – apresentaram um comportamento vagaroso e progressivo ao longo de séculos.

A aparência exterior era de que quase não havia água no estádio.

Entretanto, como o investigador adverte, nestes primeiros anos do terceiro milénio, a Terra enfrenta uma verdadeira enxurrada de tendências preocupantes, cujas estatísticas revelam um crescimento vertiginoso. Achávamos que tínhamos tempo para nos prepararmos, mas o tempo acabou!

Peças que se encaixam

Martenson escreve sobre sobrevivência económica e ecológica. Ellen White escreveu veementemente sobre a sobrevivência espiritual: “Grandes mudanças estão prestes a ocorrer no mundo e os acontecimentos finais serão rápidos” (*Testemunhos para a Igreja*, vol. 9, p. 11); “O fim virá mais rapidamente do que os homens esperam” (*O Grande Conflito*, p. 525, P. Servir). Ela confirma a constatação do investigador. Embora ninguém conheça a data, é preciso ficar de sobreaviso porque, de acordo com a “função exponencial”, de repente, todos os indicadores atingirão um pico ao mesmo tempo, com uma velocidade aterradora! “Então, virá o fim” (Mateus 24:14).

Nos Estados Unidos, só é necessária uma grande crise de proporções esmagadoras para mudar tudo rapidamente. Pode ser um colapso financeiro nacional que gere violência urbana e perturbação social, um terramoto assassino ou o impacto de um asteroide errante que cause dezenas de milhares de mortes, uma bomba atômica terrorista que destrua uma cidade ou um passo em falso na geopolítica que resulte numa outra guerra mundial. Basta uma crise debilitante para que a nação norte-americana caia de joelhos, conduzida pelos seus líderes religiosos, pedindo a Deus que não envie outros juízos.

Agora, acrescente o facto de que sondagens recentes têm apontado que, ao terem de escolher entre a segurança pessoal e as liberdades constitucionais, os Norte-americanos colocam a segurança em primeiro lugar. Que ocorra uma só crise esmagadora e, de repente, o fim do jogo escatológico predito em Apocalipse 13, incluindo a adoração falsa ordenada pelo Estado que é descrita no livro *O Grande Conflito*, não só é possível, como se torna provável! A lição de Martenson: os últimos cinco minutos são críticos. A minha lição: podemos chegar lá a partir de onde estamos. Rapidamente!

É por isso que os Adventistas do Sétimo Dia não se podem deixar levar pelo engano fatal de que “todas as coisas permanecem como desde o princípio” (II Pedro 3:4). As aparências iludem. Os últimos cinco minutos são cruciais.

Como devemos então viver, já que nos encontramos no limiar da eternidade? (1) “Cresci na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo” (II Pedro 3:18). (2) “Quanto mais o Pai celestial dará o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?” (Lucas 11:13.) (3) “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda a criatura” (Marcos 16:15). (4) “Em verdade vos digo que, sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes” (Mateus 25:40). (5) “E o Deus da esperança vos encha de todo o gozo e paz no vosso crer, para que sejais ricos de esperança no poder do Espírito Santo” (Romanos 15:13). (6) “Estou plenamente certo de que aquele que começou a boa obra em vós há de completá-la até ao dia de Cristo Jesus” (Filipenses 1:6). E (7) “Amém! Vem, Senhor Jesus!” (Apocalipse 21:20.) ♣

• **Dwight Nelson**
Pastor



Serviço

A QUARTA DIMENSÃO NA EDUCAÇÃO ADVENTISTA

Em 1903, Ellen White escreveu: “As nossas ideias acerca da educação têm sido demasiadamente acanhadas. Há a necessidade de um objetivo mais amplo e mais elevado. A verdadeira educação ... visa todo o ser, e todo o período

da existência possível ao homem. É o desenvolvimento harmonioso das faculdades físicas, intelectuais e espirituais.”¹

Baseados nesta declaração, os pedagogos Adventistas do Sétimo Dia desenvolveram um modelo que abarca estes três ele-

mentos – desenvolvimento físico, mental e espiritual – frequentemente representados por um triângulo equilátero. Em graus variados, os sistemas de educação Adventistas têm tentado implementar esta perspectiva equilibrada que abrange a pessoa toda.

No entanto, não será que poderá existir uma quarta dimensão que é crucial para a existência de uma verdadeira educação?

A frase seguinte na passagem de 1903 tem a resposta a esta pergunta. “[A verdadeira educação] prepara o estudante para a alegria do serviço neste mundo e para a alegria ainda maior do serviço mais amplo no mundo vindouro.” Isto indica que há um elemento acrescido que é vital para a vida e para o aprendizado, um elemento que incorpora o tempo e o espaço, que integra a arena social e que enfatiza o serviço.

Este quarto elemento é a *dimensão social*, na qual o serviço é um elemento-chave. Jesus, por exemplo, “crescia em sabedoria, e em estatura, e em graça para com Deus e os homens” (Lucas 2:52). Mais tarde no Seu ministério, Cristo “percorria toda a Galileia, ensinando nas suas sinagogas e pregando o evangelho do reino, e curando todas as enfermidades e moléstias entre o povo” (Mateus 4:23). Aqui, mais uma vez, encontramos quatro facetas: ensinar, pregar o Evangelho, curar e associar-se com outros – em essência, as dimensões cognitiva, espiritual, física e social.

A vida e o ministério de Jesus são o nosso modelo e a educação Adventista tem um importante papel a desempenhar na formação de Cristãos cuja vida illustre esta integração de fé, erudição e prática.

Um fundamento bíblico

A responsabilidade de servir Deus e a Humanidade é claramente ensinada na Bíblia. Paulo escreveu: “servi-vos uns aos outros por amor” (Gálatas 5:13). Esta declaração apresenta o serviço como um modo de vida. Segundo as eloquentes palavras de I Coríntios 13, Paulo insiste que

o amor deve ser motivo de serviço: “E, ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres, e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me aproveitará” (v. 3, ARA). No entanto, o amor deve ter um objeto e deve produzir resultados tangíveis. Ao resumir a Lei de Deus, Cristo declarou que ela envolvia dois princípios: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento” e “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mateus 22:37-39). O amor acaba por resultar em serviço, orientado primeiramente, e antes de mais, para Deus. Josué, por exemplo, impeliu os Israelitas para que “sirvais [o Senhor vosso Deus] com todo o vosso coração e com toda a vossa alma” (Josué 22:5).² De modo semelhante, Paulo admoestou os crentes cristãos para serem “fervorosos no espírito, servindo ao Senhor” (Romanos 12:11).

O amor a Deus também conduz diretamente ao serviço em favor de outros, especialmente aqueles que estão necessitados dele. Cristo instruiu os Seus discípulos: “Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis. Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (João 13:34 e 35). Para ilustrar a Sua definição de serviço, Cristo contou a história de um viajante na estrada que conduzia a Jericó (Lucas 10:19-37), a qual destacava três filosofias de vida básicas: 1. A filosofia dos ladrões: “Eu vou tomar-te o que tens.” 2. A filosofia do sacerdote e do Levita: “Eu vou conservar o que tenho.” 3. A filosofia do Samaritano, focada no

outro: “Eu vou partilhar o que tenho.” O Samaritano, disse Jesus, foi aquele que verdadeiramente compreendeu o conceito de serviço e o exemplificou na sua vida.

Para além das passagens que enfatizam o conceito de serviço, a Bíblia também fornece exemplos tangíveis do que constitui serviço altruísta. No Antigo Testamento, por exemplo, encontramos o caso de Abraão, que recusou uma recompensa por ter resgatado os habitantes de Sodoma (Gênesis 14:22-24); temos a viúva de Sarepta, que partilhou as suas provisões limitadas com Elias (I Reis 17:12-15); temos Eliseu, que abandonou uma vida de conforto para servir um profeta idoso (II Reis 2:1-6); e temos Ester, que arriscou a sua segurança para salvar a vida de outros (Ester 4:16). Do mesmo modo, no Novo Testamento lemos sobre uma viúva que colocou tudo o que tinha no tesouro do Templo (Lucas 21:14); temos um rapazinho que parti-

**A RESPONSABILIDADE
DE SERVIR DEUS
E A HUMANIDADE
É CLARAMENTE
ENSINADA NA BÍBLIA.
PAULO ESCREVEU:
“SERVI-VOS UNS AOS
OUTROS POR AMOR”
(GÁLATAS 5:13).**

lhou o seu almoço (João 6:8-11); temos Barnabé, que vendeu as suas propriedades para apoiar a Igreja Apostólica (Atos 4:36 e 37); e temos um grupo de mulheres que seguia Jesus e que cuidava do Seu bem-estar e do bem-estar dos discípulos (Marcos 15:40 e 41).

No entanto, o grande exemplo de serviço encontra-se na vida e nos ensinamentos de Jesus. Numa certa ocasião, a mãe de Tiago e João pediu a Jesus que atribuísse aos seus filhos posições eminentes no Seu reino. A resposta de Jesus tornou claro que a posição mais elevada é aquela que é assumida por aquele que serve. “Todo aquele que quiser entre vós fazer-se grande, seja vosso serviçal; e, qualquer que entre vós quiser ser o primeiro, seja vosso servo” (Mateus 20:26 e 27).

Jesus também ensinou pelo exemplo. No aposento alto, ele lavou os pés dos Seus discípulos, realizando a tarefa de um servo (João 13:14-17). No entanto, o ato supremo de serviço teve lugar no Calvário, onde Jesus deu tudo o que tinha para salvar a Humanidade (João 3:16). Segundo as palavras do próprio Jesus, “o Fi-

lho do homem, também, não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos” (Marcos 10:45).

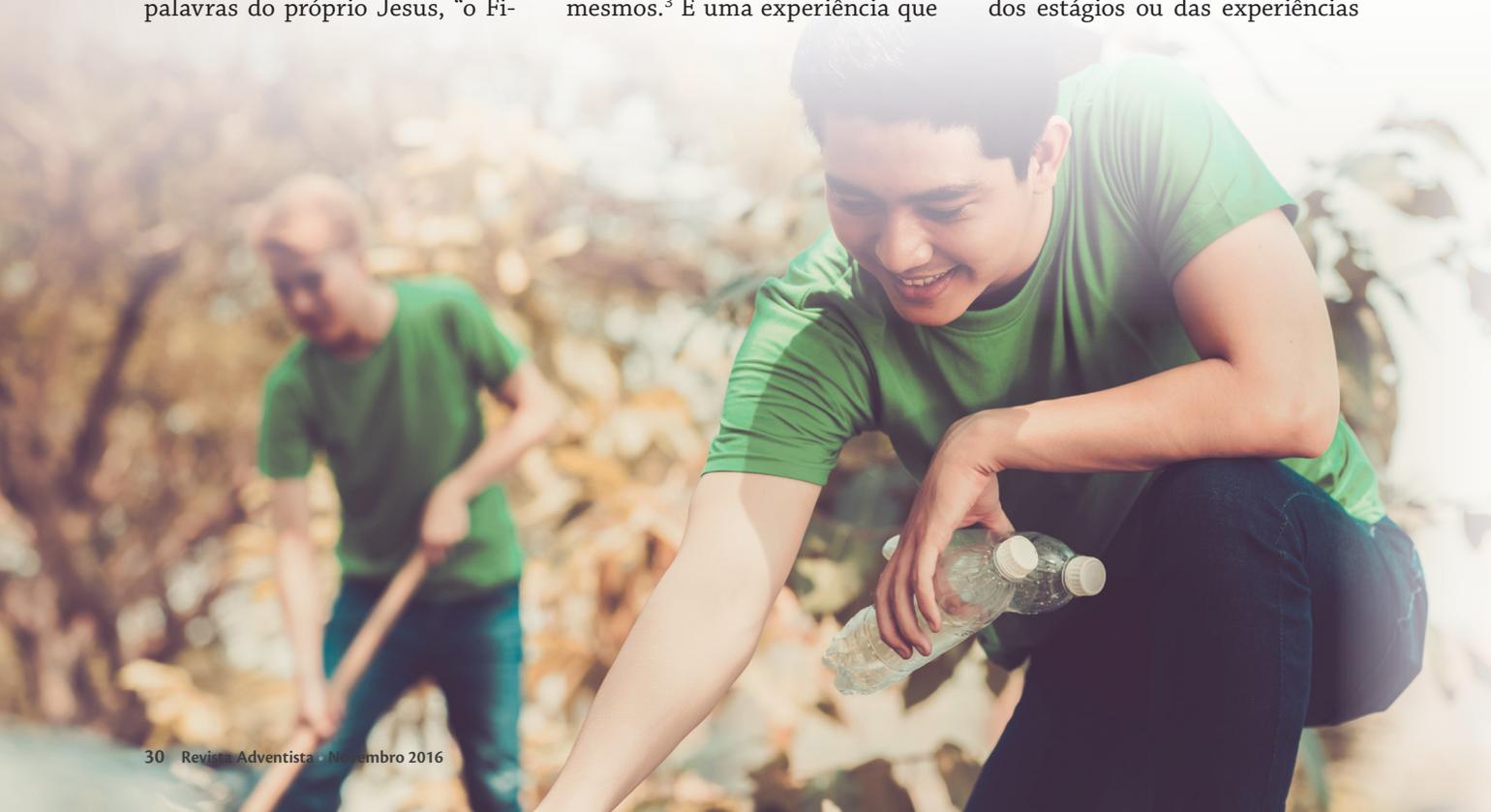
O lugar da aprendizagem do serviço

Como podemos incorporar a quarta dimensão na educação Adventista? Qual é o melhor método para promover o princípio do serviço em todos os nossos espaços educacionais? Uma abordagem que se tem mostrado eficaz é a aprendizagem do serviço. O voluntariado também dá oportunidades de serviço importantes em muitas instituições educativas, mas a aprendizagem do serviço mostrou ser mais difícil de implementar. Assim, o resto deste artigo irá focar-se nesta área.

A aprendizagem do serviço é uma forma de educação baseada na experiência, em que os estudantes aplicam o que estão a aprender na resolução dos problemas da comunidade, procurando não só fortalecer a comunidade, como também adquirir uma compreensão mais profunda por si mesmos.³ É uma experiência que

fornece créditos académicos, que se apresenta baseada num curso, num programa e numa disciplina e que combina o serviço comunitário com a instrução académica e o desenvolvimento pessoal.⁴ Na sua essência, a aprendizagem do serviço é uma pedagogia flexível que (1) está organizada em torno de objetivos de aprendizagem claros, (2) oferece atividades de serviço que respondem a necessidades reais da comunidade e (3) dá aos estudantes oportunidades para reflexão crítica.

Assim, a aprendizagem do serviço incorpora um estudo académico bem focado e intenso, uma experiência prática com propósito e relevância, e empenho cívico significativo e apreciado. Isto permite que a aprendizagem do serviço adicione um nível superior ao simples voluntariado e ao serviço comunitário, que tendem a focar-se no usufrutuário e/ou numa causa social, frequentemente sem relação direta com resultados pedagógicos significativos. Isto também coloca a aprendizagem do serviço numa categoria distinta dos estágios ou das experiências



de campo, que se focam sobretudo nos benefícios para o aluno, particularmente em termos das suas expectativas de carreira. Em vez de ser periférica ou suplementar, a aprendizagem do serviço é integrada no núcleo do *curriculum* e é estreitamente relacionada com os conteúdos académicos.

Posição de Ellen White acerca da aprendizagem do serviço

Ellen White apelou para que o serviço fosse considerado um elemento essencial na educação Adventista: “O verdadeiro objetivo da educação é habilitar homens e mulheres para o serviço.”⁵ Ela acreditava que os jovens, em especial, deveriam ser intencionalmente preparados para o serviço: “Os filhos ... devem ser instruídos para ajudar em vários ramos de serviço abnegado.”⁶ “Deus ama as crianças e os jovens, com os seus talentos novos, com a sua energia e ânimo, com as suas vivas susceptibilidades, e Ele deseja pô-los em harmonia com os agentes divinos. Têm de obter educação que os auxilie a pôr-se ao lado de Cristo num serviço altruísta.”⁷

Esta preparação deveria ser integrada na experiência educativa: “Os alunos ... não devem aguardar uma época, depois do término do ano escolar, para fazerem uma grande obra para o Senhor, mas devem estudar a maneira de, durante a vida estudantil, tomar com Cristo o jugo em serviço abnegado pelos outros.”⁸ Estas experiências de serviço devem ocorrer tanto no interior da escola, como na comunidade mais ampla.

Ellen White anteviu, por exemplo, que estudantes mais jovens serviriam de modo colaborante, com os seus professores e os seus pais, unindo-se a eles nestes empreendimentos. “Que eles se organizem em grupos para o serviço cristão, e

verificar-se-á que a cooperação é um auxílio e um encorajamento. Pais e professores, ao tomarem interesse pela obra dos jovens, poderão dar-lhes os benefícios da sua própria experiência mais ampla e auxiliá-los a tornarem eficazes os seus esforços em prol do bem.”⁹

Em suma, Ellen White enfatizou que o serviço era uma questão de prioridade. Aos pais ela escreveu: “Temos para com Deus o solene compromisso de criar os nossos filhos para o Seu serviço. Rodeá-los de influências que os induzam a escolher uma vida de serviço, e dar-lhes o devido preparo, eis o nosso primeiro dever.”¹⁰ Ela lembrou aos professores: “O verdadeiro professor não se satisfaz com um trabalho de segunda ordem. Não se contenta com encaminhar os seus alunos para um padrão mais baixo do que o mais elevado que lhes é possível atingir. Não pode contentar-se com comunicar-lhes apenas conhecimentos técnicos, fazendo meramente deles hábeis contabilistas, artistas habilidosos, homens de negócios prósperos. É sua ambição incutir-lhes os princípios da verdade, obediência, honra, integridade, pureza – princípios que farão deles uma força positiva para a estabilidade e o reerguimento da sociedade. Ele quer que eles, acima de tudo, aprendam a grande lição da vida sobre o trabalho altruísta.”¹¹

De facto, o serviço é um tema que une a escola na terra com a escola do Céu. “Na nossa vida aqui, embora terrestre e limitada pelo pecado, a maior alegria e a mais elevada educação encontram-se no serviço em favor dos outros. E, no futuro estado, livres das limitações próprias da humanidade pecaminosa, será no serviço que se encontrará a nossa máxima alegria e a mais elevada educação.”¹²

Implementar a aprendizagem do serviço

Como é que se pode integrar a aprendizagem do serviço na experiência educacional? Para se implementar a aprendizagem do serviço são necessárias quatro componentes-chave: (1) uma comunidade que provê oportunidades para serviço e aprendizagem; (2) um professor que identifica as necessidades da comunidade, supervisiona os esforços dos estudantes

ELLEN WHITE APELOU PARA QUE O SERVIÇO FOSSE CONSIDERADO UM ELEMENTO ESSENCIAL NA EDUCAÇÃO ADVENTISTA: “O VERDADEIRO OBJETIVO DA EDUCAÇÃO É PREPARAR HOMENS E MULHERES PARA O SERVIÇO.”

e liga as experiências de serviço e os objetivos académicos através da reflexão; (3) estudantes que proveem um serviço e aprendem tanto o conteúdo, como a aplicação; e (4) uma Administração escolar que apoie o projeto. Idealmente, a comunidade, ou uma agência na comunidade, também seria um parceiro e não apenas um usufrutuário na iniciativa de aprendizagem do serviço, dado que isto pode ajudar a escola a identificar as necessidades da comunidade e, talvez, a coordenar projetos. Em

instituições de ensino maiores, pode também haver pessoal adstrito à aprendizagem do serviço, que ajude a unir os professores, os estudantes e a comunidade no interior de um paradigma de aprendizagem do serviço.

O processo de aprendizagem do serviço envolve cinco estádios principais: investigação, preparação, ação, reflexão e celebração. Primeiro, nós – como educadores e idealmente em colaboração com os nossos estudantes, se possível –, *investigamos* as prioridades da comunidade. Isto ajuda a garantir que os projetos de aprendizagem do serviço estão alinhados com as preocupações da comunidade e ajuda a obter a participação dos membros da comunidade enquanto parceiros. Como resultado desta pesquisa, desenvolvemos objetivos para o projeto, tanto em termos de aprendizagem, como de serviço. Objetivos de crescimento pessoal, incluindo o desenvolvimento relacional e espiritual, também podem ser identificados. As atividades nesta fase ajudam os estudantes a desenvolverem capacidades de comunicação e técnicas de pesquisa, tais como a recolha e a interpretação de informação, e a definir prioridades entre diversas alternativas.

O segundo estádio é a *preparação*. Durante esta fase, organizamos a atividade comunicando os seus objetivos, construindo parcerias, definindo orçamentos e cronogramas, clarificando as funções e distribuindo as tarefas. Mais importante, nós asseguramo-nos de que os estudantes têm a compreensão, a habilidade e a atitude necessárias para executarem com sucesso o projeto. Neste estádio, também tratamos de uma variedade de questões logísticas, como a obtenção de mantimentos, a obtenção de transporte

e a salvaguarda de preocupações relativas à segurança. Finalmente, desenvolvemos estratégias e rubricas para avaliar a atividade de aprendizagem do serviço e decidimos como refletir sobre ela e celebrar o resultado final, assegurando-nos de que reunimos as evidências necessárias durante e após o projeto. Embora este estádio possa consumir muito tempo, ele é vital, dado que é essencial uma preparação cuidadosa para um projeto de aprendizagem do serviço bem-sucedido. Além do mais, as atividades que se realizam nesta fase ajudam o estudante a desenvolver capacidades de planeamento, de negociação e de estabelecimento de relações inter-pessoais.

No terceiro estádio, nós *agimos*, implementando a atividade de aprendizagem do serviço. Durante esta fase é importante criar um ambiente acolhedor, promover o diálogo, fornecer supervisão e garantir a segurança dos estudantes. Também temos de nos assegurar de que os participantes documentam a sua experiência enquanto ela decorre, na medida em que isto cria a base para a futura análise reflexiva e para a celebração. Além de reforçar a aprendizagem da disciplina específica em questão e aprofundar um compromisso com o serviço, os estudantes no estádio de ação desenvolvem habilidades necessárias para a liderança, o trabalho em equipa e a gestão de projetos.

A quarta fase é um tempo para *refletir*, uma oportunidade para explorar o significado da experiência realizada. Isto pode ser feito individualmente e em grupo. A reflexão pode incluir a redação de um diário, comunicações orais e discussão de grupo, bem como um diálogo com especialistas e membros da comunidade.

Ela pode resumir as conclusões a que se chegou, remeter para os objetivos originais e identificar os próximos passos a dar. As atividades desta fase ajudam os estudantes a desenvolverem capacidades de análise, resolução de problemas, integração de informação e obtenção de conclusões.

No estádio final, nós *celebramos*, convidando participantes no programa, parceiros e a comunidade em geral para que se reconheça a aprendizagem que o programa permitiu e o seu impacto. Esta demonstração e este reconhecimento dos resultados obtidos – o contar da história – pode encontrar expressão através da poesia, da música, do desenho e do drama; pode envolver quadros de informações, sítios da Internet, sítios de *media* sociais, artigos nas publicações dos estudantes e dos antigos alunos, relatos noticiosos da comunidade e espetáculos multimédia. Ela pode culminar num evento especial destinado a reconhecer e expressar o apreço pelos esforços realizados e pelo efeito produzido nas pessoas envolvidas, talvez mediante símbolos, certificados e placas tangíveis. Em geral, as atividades desta fase servem para se desenvolver capacidades de comunicação, para ampliar a percepção por parte da comunidade, para estabelecer o cenário para ações futuras e para validar o saber especializado dos participantes, de modo a que possam formar outros jovens em ações de aprendizagem do serviço.

Exemplo de aprendizagem do serviço

A aprendizagem do serviço pode ser integrada eficazmente no *curriculum* do ensino primário e secundário, bem como em programas educativos universitários.

rios. Eis o que alguns professores do ensino primário e secundário estão a fazer:

- “Eu faço com que os alunos preparem postais para as pessoas idosas da igreja, sob a temática da Escola Sabatina e do culto. Depois eles levam o postal para a igreja e dão-no a uma pessoa idosa para a encorajar e para mostrar que eles se preocupam com ela.”

- “Nós ligámos as aulas de Educação Física a uma maratona de caminhada para angariarmos dinheiro para ajudarmos a pagar as despesas médicas de alguém.”

- “Durante a aula de literatura nós escrevemos cartas aos soldados no Iraque. Numa outra ocasião escrevemos notas de agradecimento aos voluntários da nossa escola.”

- “Por altura do Dia de Ação de Graças nós fizemos recolha de comida enlatada para abastecer o armário de comida destinada aos

pobres da nossa igreja. Nessa altura estávamos a discutir Economia nas nossas aulas.”

- “Quando estávamos a estudar Estudos Sociais e a importância de preservarmos os recursos naturais, os estudantes ajudaram a comunidade, limpando o bairro e recolhendo o lixo reciclável. Eles também alargaram esta atividade às aulas de Inglês e escreveram artigos de jornal sobre a poluição e a reciclagem.”

- “Quando estávamos a estudar os vertebrados na aula de Ciências, os estudantes ofereceram-se para ajudar num abrigo local para animais, trabalhando com os animais que tinham sido abandonados ou maltratados. Depois eles escreveram artigos ou usaram os meios de comunicação locais para apelarem a que as pessoas pudessem dar um lar a estes animais. Num certo senti-

do, eles tornaram-se ativistas dos direitos dos animais para acabar com os maus-tratos às criaturas de Deus.”

- “Os estudantes usaram as suas habilidades criativas nas Belas Artes como parte do nosso programa de aprendizagem do serviço. A equipa de teatro e o ministério dos fantoches apresentaram várias peças a crianças em centros comunitários, em outras escolas ou aos menos afortunados que estavam em lares ou hospitais.”

Um bom número de modelos de aprendizagem do serviço tem sido implementado com sucesso na educação universitária. Em algumas instituições, por exemplo, todos os estudantes completam certos requisitos ligados à aprendizagem do serviço, como, por exemplo, trabalho académico orientado para o serviço, atividades de campo e reflexões. Os pro-





gramas de estudo podem incluir cursos obrigatórios de aprendizagem do serviço como parte das especializações nas licenciaturas ou como parte do *curriculum* das licenciaturas em geral. Por vezes, uma experiência de campo destinada à aprendizagem do serviço serve como ponto culminante dos requisitos para a obtenção de um grau académico de um departamento/escola. Ao nível da lecionação, eis uma amostra do que os professores têm estado a fazer.¹³

- Literatura para jovens adultos: Os estudantes fazem uma parceria com um aluno do distrito escolar local e leem e discutem literatura para jovens adultos.

- Anatomia Humana: Os estudantes colaboram em centros locais de assistência aos idosos e observam/analisa o impacto do envelhecimento.

- Química: Os estudantes avaliam e analisam o conteúdo de chumbo na tinta dos lares mais antigos; os estudantes lideram projetos práticos de Ciência em Escolas Preparatórias e Secundárias.

- A criança extraordinária: Os estudantes gastam tempo trabalhando com crianças do progra-

ma de educação especial do distrito escolar local.

- Cristianismo e Órgãos de Comunicação Social: Os estudantes dividem-se em grupos baseados na posse de capacidades técnicas ou não-técnicas para criarem um documentário em vídeo dos residentes numa instituição de saúde local, que depois é oferecido como presente às famílias dos residentes.

- Economia: Os estudantes desenvolvem projetos de negócio para beneficiar comunidades com poucos rendimentos.

- Pedagogia vocal: Os estudantes oferecem lições de canto gratuitas a alunos de Escolas Secundárias públicas, organizando depois um recital no fim do semestre para esses alunos.

Resultados da aprendizagem do serviço

Os resultados da aprendizagem do serviço são significativos. Num estudo transversal sobre alunos universitários, por exemplo, 82% declararam que a experiência de serviço intensificava a sua compreensão do material académico.¹⁴ Além do mais, os participantes na aprendizagem do serviço eram

mais capazes de aplicar o conhecimento obtido nas aulas a situações do mundo real.¹⁵

Também houve resultados positivos quanto à carreira profissional dos estudantes envolvidos. Numa amostra de caloiros “indecisos”, 41% dos que se envolveram na aprendizagem do serviço durante a frequência da Universidade indicaram numa pesquisa posterior que agora planeavam dedicar-se a uma carreira que apostava no serviço, comparado com apenas 18% dos que não tinham participado em ações de serviço.¹⁶ Adicionalmente, os estudantes que se empenhavam em experiências de aprendizagem do serviço tinham maior probabilidade de encontrar uma vocação ou um trabalho pessoalmente satisfatório.¹⁷

No cômputo geral, a participação na aprendizagem do serviço mostrou ter efeitos positivos sobre dez critérios de avaliação:

- Desempenho académico: Capacidades de escrita, capacidades de pensamento crítico.

- Liderança: Atividades de liderança, habilidade de liderança auto-avaliada; capacidades de comunicação interpessoal.

- Valores: Compromisso com o ativismo, promoção da compreensão inter-racial.

- Eficácia pessoal.

- Escolha de carreiras profissionais ligadas ao serviço.

- Planos para participar em atividades de serviço depois da Universidade.

Provavelmente os resultados da aprendizagem do serviço são mais claramente refletidos nas palavras dos próprios estudantes:

- “Ao refletir sobre as minhas experiências de serviço, obtive uma intensa percepção de mim mesma, dos privilégios que tenho e da profunda injustiça que existe no nosso mundo.”

- “O serviço ensinou-me a coragem, a compaixão, o amor, a apreciação, o trabalho em equipa, a humildade. Eu vi dificuldades e dor e o poder que tem um simples ato de bondade. E fui para sempre transformada pelas pessoas que conheci, com quem trabalhei e que servi.”

- “A Universidade não é simplesmente viver as experiências que te moldam, mas é também o modo como tu és capaz de moldar outros enquanto ali estás. [...] O serviço deu-me a oportunidade única e incalculável de me empenhar ao serviço da minha comunidade, furar a bolha protetora da Universidade e fazer verdadeiramente a diferença.”

- “O serviço fez-me uma pessoa melhor. Estou mais disposta a ver os outros lados de uma história, estou mais consciente da grande diversidade que existe no mundo e mais disposta a fazer mais por pessoas estranhas à minha comunidade mais próxima constituída pelos amigos e pela família.”

- “Eu descobri que gosto de viver mais a vida quando sinto que estou a viver não apenas para mim, mas também para outras pessoas.”

“O SERVIÇO ENSINOU-
-ME A CORAGEM,
A COMPAIXÃO, O
AMOR, A APRECIÇÃO,
O TRABALHO
EM EQUIPA, A
HUMILDADE. EU VI
DIFICULDADES E
DOR E O PODER QUE
TEM UM SIMPLES
ATO DE BONDADE.
E FUI PARA SEMPRE
TRANSFORMADA
PELAS PESSOAS
QUE CONHECI, COM
QUEM TRABALHEI
E QUE SERVI.”

- “O serviço não é apenas algo que eu faço, agora é parte de quem eu sou.”

Ellen White sublinha os resultados do serviço. Ela faz notar que o serviço molda o caráter, desenvolve o talento e provê um propósito para a vida. Ela observa que ele inibe a tentação e oferece felicidade duradoura. Mais significativo ainda, a participação no serviço aprofunda a nossa relação com Cristo e prepara-nos para o Céu.

Pensamento progressivo

O que podemos fazer para equipar e capacitar os estudantes

para uma vida de serviço? Primeiro, reconheça e confirme na sua própria vida que o serviço é uma dimensão essencial da experiência cristã. Sensibilize os que estão ao seu redor para o fundamento bíblico e para o valor do serviço, particularmente no interior do contexto educacional. Procure modos inovadores e eficazes de integrar serviço com sentido no programa académico. Finalmente, defenda a tese de que o serviço não é apenas um segmento da vida, mas um modo de vida.

“Meus filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas por obra e em verdade” (I João 3:18). Que em toda a realidade da educação Adventista nós nos libertemos das limitações de um mundo 3D e entremos na quarta dimensão! ✨

• **John Wesley Taylor**

Diretor-Associado do

Departamento de Educação da
Conferência Geral

1. Ellen G. White, *Educação*, p. 13.
2. Veja também I Samuel 12:24 e I Crônicas 28:9.
3. Adaptado de Janet Eyster e Dwight Giles, *Where's the Learning in Service-Learning?* (San Francisco: Jossey-Bass, 1999.)
4. Adaptado de *Purdue University North Central Center for Service Learning and Leadership*: www.pnc.edu/csll/service_learning.html. Consultado em 9 de janeiro de 2013.
5. Ellen G. White, *Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes*, p. 493; *Testemunhos Seletos*, p. 414.
6. Veja Ellen G. White, *O Lar Adventista*, p. 486.
7. *Veja Review and Herald* (24 de março de 1891); e Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, p. 301, Ed. P. SerVir.
8. Ellen G. White, *Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes*, p. 547.
9. Ellen G. White, *Educação*, p. 269.
10. Ellen G. White, *O Lar Adventista*, p. 484.
11. Ellen G. White, *Educação*, pp. 29 e 30.
12. Ellen G. White, *Educação*, p. 309.
13. Genie Black, “Incorporating Service Learning into Business Curriculum”, *Journal of Business Administration Online* 1:2 (Fall 2002).
14. Alexander Astin, Lori Vogelgesang, Elaine Ikeda e Jennifer Yee, *How Service Learning Affects Students* (Los Angeles: University of California, Higher Education Research Institute, 2000), p. 56.
15. Jayne Brownell e Lynn Swaner, “High-Impact Practices: Applying the Learning Outcomes Literature to the Development of Successful Campus Programs” *Peer Review* 11.2 (Spring 2009): pp. 26-30.
16. Astin et. al., *How Service Learning Affects Students*, op. cit, p. 22.
17. John Sikula e Andrew Sikula Sr., “Spirituality and Service Learning”, *New Directions for Teaching and Learning* 104 (Winter 2005), pp. 75-81.

MEDITAÇÕES 2017



CADA DIA É UMA
OPORTUNIDADE DE
ENTREGA, GRATIDÃO
E LOUVOR A DEUS...



... APROVEITE-A BEM PELA MANHÃ E NO FINAL DO DIA.

LIGUE 21 962 62 00 **OU** LIVRARIA DA SUA IGREJA **OU** WWW.PUBLICADORA-SERVIR.PT

ACOMPANHE ESTA E OUTRAS NOVIDADES ATRAVÉS DAS REDES SOCIAIS

[f facebook.com/PSerVir](https://www.facebook.com/PSerVir)

[t twitter.com/PSerVir](https://twitter.com/PSerVir)